

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**



**Monografia**

**MUSICALIDADE NO VALE DO AMANHECER:  
Mensagem e Simbologia da Expressão Sonora nos Rituais de  
Terapia Espiritual**

**Roberta Xavier Gonçalves**

**Pelotas, 2014.**

**ROBERTA XAVIER GONÇALVES**

**MUSICALIDADE NO VALE DO AMANHECER:  
Mensagem e Simbologia da Expressão Sonora nos Rituais de  
Terapia Espiritual**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

Pelotas, 2014.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriane Luisa Rodolpho

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Maria Silva Rieth

## DEDICATÓRIA

*Dedicado aos meus inesquecíveis avôs,  
Rubinho e Roberto, e a toda comunidade  
do templo Murajo do Amanhecer.*

## EPÍGRAFE

### Ora (dizeis) Ouvir Estrelas

**Olavo Bilac**

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A Via-Láctea, como um pálido aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas"

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com a colaboração de muitas pessoas, algumas de forma direta e outras simplesmente dirigindo uma palavra de apoio ou emitindo boas energias.

A primeira pessoa que agradeço é minha mãe, Keli da Rosa Xavier, fonte de inspiração e motivação, exemplo prático de que é possível, mesmo com dificuldades, se formar na Universidade. À minha mãe sou eternamente grata pelo amor, dedicação, confiança e pela vida maravilhosa que me proporcionou. Ao meu pai, Ricardo Paganini Gonçalves, agradeço pelo apoio, pelas conversas e o incentivo.

As minhas avós, Aura Grecco, Aurora Xavier e Zaida Gonçalves, por me ajudarem e muitas vezes mimarem, proporcionado certo conforto emocional. A minha tia, mãe de coração, amiga e comadre Keti Xavier, pelo amor e cuidado.

Aos meus queridos amigos, que tornam os dias mais coloridos: Cintia Viana, Hélcio Fernandes, Fábio Marques, Valéria Mendes, Andréa Rolim, Helen Vergara, William Thomsen, Dimítrios Oliveira, Camila Santos, Luiza Matthes, Eliene Dubreuil, Maria Heloísa Rosa, Sergio Mota, Andressa Pereira, Maurício Schineider, Adriane Ribeiro, Fernando Mello, Bruno Cordeiro e Francine Furtado Mohammed. As minhas amigas/irmãs, Juliane Grinberg, Natália Krolow e Natália Porepp, sou grata pelo companheirismo, lealdade e carinho.

Ao meu professor e orientador Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, agradeço pelo apoio, confiança e incentivo (acadêmico e psicológico) para ingressar em um universo de pesquisa tão complexo quanto o Vale do Amanhecer. A todos os professores do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, em especial, a professora Claudia Turra pela oportunidade de trabalhar no LEPPAIS e me apresentar uma nova forma de refletir sobre o conhecimento antropológico, através da imagem. Aos professores de Etnomusicologia, Mario Maia e Werner Ewald, pelas aulas sempre descontraídas, o conhecimento dividido, os livros emprestados, os conselhos e o incentivo em momentos de inseguranças, os dois foram fundamentais durante todo o processo de reflexão desta pesquisa. Aos meus colegas de curso agradeço pelo companheirismo, tanto nos momentos tensos, quanto nas cervejas no Bar do Zé.

Agradeço a toda comunidade do templo Murajo do Amanhecer, aos adeptos e pacientes que colaboraram em conversas nos bancos de espera, na lancheria, nos almoços, etc. Ao Mestre Adjunto, que autorizou a realização desta pesquisa dentro do templo e sempre se mostrou atencioso. As minhas informantes, que colaboraram concedendo entrevistas e longas conversas. A todos os médiuns da doutrina, meu carinhoso *Salve Deus!*

E finalmente, agradeço a essa força superior que me protege e guia sob a forma de vibração positiva, energia de transformação e amor. Ao meu Deus de AMOR sou inteiramente grata.

## RESUMO

O conjunto de trabalhos espirituais realizados no Vale do Amanhecer mobiliza milhares de seguidores em todo território brasileiro. O grupo, que se autodenomina doutrina espiritualista, possui sede em todos os estados do Brasil e em países como: Uruguai, Equador, Bolívia, Estados Unidos, Portugal, Alemanha e Japão. O templo que faz a cobertura da região sul do estado do Rio Grande do Sul é o chamado Murajo do Amanhecer e fica localizado na BR 392 em Rio Grande. Este, possui centenas de adeptos e recebe visitantes durante os quatro dias da semana que oferece atendimento espiritual. A partir da pesquisa etnográfica realizada nesta comunidade, o presente trabalho tem como objetivo refletir e analisar o universo sonoro que compõe os rituais de cura mágica da doutrina. Mais precisamente, pretende-se uma reflexão antropológica e etnomusicológica sobre a mensagem e os efeitos simbólicos do som sobre pacientes e adeptos que participam dos rituais de terapia espiritual.

**.Palavras-Chave:** Religião. Musicalidade. Terapias Espirituais. Vale do Amanhecer.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tia Neiva .....	16
Figura 2: Mário Sassi .....	17
Figura 3: Tia Neiva e Mário Sassi .....	18
Figura 4: Mapa com a localização do Vale do Amanhecer .....	19
Figura 5: Ordem Espiritualista Cristã Murajo do Amanhecer.....	20
Figura 6: Planta Baixa Ilustrativa .....	20
Figura 7: Placa localizada na entrada do Templo .....	22
Figura 8: Símbolo apará.....	24
Figura 9: Símbolo doutrinador.....	24
Figura 10: Cavaleiros.....	28
Figura 11: Hierarquia Espiritual.....	29
Figura 12: Cigana Zingara.....	30
Figura 13: Cigano Alexander.....	30
Figura 14: As sete Princesas.....	31
Figura 15: Falanges Missionárias.....	32
Figura 16: Traje dos iniciados.....	36
Figura 17: Uniforme oficial.....	36
Figura 18: Uniforme oficial feminino.....	36
Figura 19: Indumentária da Falange das Nityamas.....	37
Figura 20: Indumentária da Falange das Gregas.....	37

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO: .....	10
2 – VALE DO AMANHECER .....	14
2.1 - Doutrina do Amanhecer .....	14
2.2 - Tia Neiva e Mário Sassi: História do Vale do Amanhecer .....	16
2.3 - Ordem Espiritualista Cristã Murajo do Amanhecer .....	19
3 – OS MÉDIUNS DO AMANHECER .....	23
3.1 - Organização Mediúnica.....	23
3.2 – Ninfas e Jaguares .....	25
3.3 - Entidades e o Plano Espiritual .....	27
3.4 - Trajetória Mediúnica e Indumentária .....	34
4 – ENTRE MANTRAS, HINOS, PRECES, EMISSÕES E CANTOS: O PODER SIMBÓLICO DA EXPRESSÃO SONORA NA DOCTRINA DO AMANHECER .....	38
4.1 - Etnografia: Dinâmica e Sonoridade nos Rituais de Terapia Espiritual .....	38
4.2 - Mantras, Hinos, Preces, Emissões e Cantos: Categorias de Entendimento da Expressão Sonora.....	45
4.3 - Analisando o Universo Sonoro do Vale do Amanhecer a Partir do Conceito de Cosmo-Sônica de Marília Stein .....	48
4.4 - Expressão Musical no Vale Do Amanhecer: Mensagem e Simbologia .....	50
4.5 - O Canto das Gregas e a Eficácia Simbólica de Lévi-Strauss.....	52
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....	59

## **1 – INTRODUÇÃO:**

No início de 2010 fui convidada por uma amiga próxima a conhecer o templo espiritualista que sua mãe frequentava. Há muito tempo ela comentava sobre as idas regulares de sua mãe ao templo, falava que era um grupo espiritualista, que a sede ficava “pra fora” e que os visitantes recebiam passes, mas sempre que eu perguntava mais detalhes, respondia que era necessário ir ao local para entender melhor a doutrina.

Na mesma época do convite, a UFPel encontrava-se em recesso, o ano letivo havia atrasado e após uma breve parada para as festas de fim de ano, alunos e professores voltariam as aulas e dariam seguimento as avaliações finais. Antes do recesso, uma atividade foi proposta na disciplina de Metodologia de Pesquisa Qualitativa, ministrada pelo professor Francisco, a formulação de um projeto de pesquisa onde cada aluno deveria escolher um tema e um campo de estudo. Diante a impossibilidade de dois grupos que busquei contato e autorização para realizar a pesquisa, entrei no período de recesso com a preocupação de encontrar uma terceira alternativa. Minha amiga, que morava em Curitiba há alguns anos, veio a Pelotas visitar a família e me convidou para ir ao Templo, pois tinha confiança que os trabalhos espirituais iram auxiliar a encontrar uma solução para meus trabalhos acadêmicos.

A caminho do templo, dentro do ônibus, ela me disse que eu estava prestes a conhecer algo completamente diferente de tudo que já havia visto. Descemos do ônibus no meio da estrada, caminhamos poucos passos e atravessamos uma porteira de madeira aberta, na frente uma placa que dizia “Ordem Espiritualista Cristã Murajo do Amanhecer – Salve Deus”, mãe e filha levantaram as mãos em direção à placa e disseram “Salve Deus”.

Conforme andávamos, observei uma edificação feita de madeira, uma cruz coberta com um manto branco, muitos carros estacionados e uma grande

movimentação de pessoas, algumas vestidas com o que parecia um uniforme (com estilo “exótico”, mas padrão) e outras com vestidos volumosos, cheios de brilho e ornamentos. A cada pessoa que passava por nós, vestida com uma dessas roupagens, mãe e filha diziam “Salve Deus, Ninfa” (para as mulheres) ou “Salve Deus, Mestre” (para os homens) e recebiam a mesma saudação de volta.

Eu e minha amiga entramos no templo, sua mãe seguiu até o vestiário para trocar de roupa, foi então que a frase dita por ela dentro do ônibus fez todo sentido, realmente eu nunca havia conhecido nada parecido. No interior do templo as paredes e pilares de madeira eram pitados de várias cores: vermelho, azul, amarelo, branco, etc. Imagens de ciganos, indígenas, princesas, escravos, médicos e diversas entidades até então desconhecidas por mim, penduras nas paredes. Vi uma escultura de Jesus Cristo, uma estrela de Davi, lanças apontadas para cima, candelabros, uma maca vermelha e no centro deste primeiro espaço onde os pacientes esperam atendimento, uma grande mesa triangular. No lado esquerdo do triângulo, homens, devidamente uniformizados, se organizavam em fila, no lado direito, as mulheres.

Mesmo antes de nossa entrada ao templo, já ouvia de longe o canto de hinos. Lá dentro, reparei que o som vinha dos médiuns organizados em fila, no que parecia ser um ritual de preparação. Os médiuns colocavam suas indumentárias, entravam no templo, saldavam algumas entidades, se posicionavam no final da fila e aderiam ao canto, tornando o som cada vez mais alto em volume e forte em número de vozes.

Não recorro exatamente em que momento a ideia de pesquisar o grupo surgiu em minha mente, mas lembro que naqueles primeiros minutos em que estava sentada junto a outros visitantes, senti um dilema pessoal/intelectual: como agir quando um passeio descompromissado com uma amiga pode se tornar a primeira ida a campo? Lembro de ficar em dúvida quanto a aproveitar inteiramente aquela experiência religiosa/espiritual ou me manter atenta a tudo que se passava ao redor.

Acredito que nos últimos quatro anos estive no meio termo. Em um mesmo dia me mantinha atenta em observar com detalhes tudo que acontecia em determinado ritual, enquanto em outro ritual, me concentrava na experiência. Já perguntei a entidade coisas que realmente queria saber, já pedi ajuda a Seta Branca, já me preocupei mais em observar o que acontecia com os outros pacientes que se consultavam do que dar atenção para o que a entidade me falava, já recebi

em casa uma informante que me permitiu gravar uma entrevista, enfim, venho nesses últimos anos dosando, a minha maneira, o quanto de observação e o quanto de participante investir em cada ida a campo.

Quando cheguei em casa depois desta primeira visita, busquei por meio da internet obter o maior número de informações sobre o Vale do Amanhecer. Conversei com minha amiga sobre o interesse de pesquisar a doutrina e ela se mostrou solícita a esclarecer as primeiras dúvidas. Busquei com o professor Francisco a orientação acadêmica para dar início ao trabalho de pesquisa de campo.

Desde então, adotei como metodologia de pesquisa o aporte etnográfico, bem como seu princípio de observação participante, com o objetivo de “aprender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo.” (MALINOWSKI, 1978:33)

No primeiro momento da construção desta etnografia, direcionei o olhar para questões específicas (dogmas da doutrina, história dos fundadores, categorias de mediunidade, entidades, rituais de cura, etc.), para enfim refletir sobre a musicalidade no Vale do Amanhecer como um todo: “o antropólogo aborda caracteristicamente tais interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos.” (GEERTZ, 1978:31)

Assim como Roberto Cardoso de Oliveira em “Olhar, ouvir e escrever” divide a pesquisa etnográfica em três categorias, como faculdades do entendimento sócio-cultural, busquei direcionar o olhar para tudo que acontecia no espaço do Vale do Amanhecer e que podia ser relacionado com a proposta da pesquisa, ouvir atentamente todos os sons produzidos e reproduzidos pelos adeptos durante os rituais, e finalmente, descrever na maneira mais densa possível tudo que foi visto, ouvido e pensado durante e depois as idas a campo:

Como procurei mostrar desde o início, essas “faculdades” do espírito têm características bem precisas quando exercitadas na órbita das ciências sociais e, de um modo todo especial, na da antropologia. Se o olhar e ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar. (OLIVEIRA, 1998:31)

Contei com a contribuição de três informantes, que a pedido, tiveram seus nomes preservados. Gravei entrevistas, conversei informalmente com alguns

adeptos, visitantes e com duas lideranças, no entanto, só divulgo neste trabalho os relatos que foram autorizados pelos envolvidos.

Utilizei a imagem como meio de expressar o que não é compreensível somente com um relato escrito ou sonoro. Em meu trabalho trago fotografias, imagens de sites da internet, esquematizações imagéticas para ilustrar a hierarquia espiritual das entidades e o desenho de uma planta-baixa (meramente ilustrativa) para demonstrar como se compõe o espaço interno da sede principal, visto que não é autorizado o registro fotográfico dentro do templo.

Finalmente, procurei dialogar com uma bibliografia antropológica e etnomusicológica, e a partir do encontro destas duas áreas de conhecimento, criar reflexões e hipóteses sobre a função da música nos rituais de cura mágica do Vale do Amanhecer.

O trabalho final deste processo de pesquisa tem como objetivo principal analisar a expressão sonora como agenciadora dos rituais de terapia espiritual. Para tanto, o dividi três capítulos principais.

No primeiro capítulo, busco contextualizar o leitor, falando da doutrina, da trajetória de vida do casal fundador e da história do templo Murajo, local onde realizo o trabalho de campo.

No segundo capítulo, direciono a atenção aos adeptos da doutrina. Trago o princípio das duas categorias de mediunidade (apará e doutrinador), as entidades que formam o plano espiritual, a trajetória percorrida durante o desenvolvimento mediúnico e a indumentária usada pelos adeptos.

Finalmente, no terceiro capítulo, busco analisar o universo sonoro que compõe os rituais do Vale do Amanhecer. Para construção desta análise, começo com uma descrição densa de um dia normal de atendimento no Murajo do Amanhecer, utilizando a musicalidade como fio condutor. Depois, exponho as cinco categorias de entendimento da expressão sonora (mantras, hinos, preces, emissões e cantos), pensando cada uma delas a partir da dinâmica das performances musicais. Em seguida, faço uma breve reflexão sobre a ideia de cosmo-sônica criada por Marília Stein. Abordo questões preliminares relacionadas à mensagem e simbologia da música nos rituais de terapia espiritual. E finalmente, analiso o canto entoado pelas ninfas da falange das Gregas, como meio de exemplificar a função simbólica da música nos trabalhos realizados no Vale do Amanhecer.

## **2 – VALE DO AMANHECER**

### **2.1 - Doutrina do Amanhecer**

De inspiração milenarista, a doutrina do Amanhecer utiliza princípios como carma e evolução espiritual, para fundamentar sua crença. A chegada do terceiro milênio será marcada por grandes conturbações e transformações no plano terrestre e espiritual, cabendo aos adeptos à missão de preparar a humanidade para chegada desta nova era.

Os médiuns do Amanhecer já possuem salvação garantida, pois ao se converterem e trabalharem para o auxílio de espíritos encarnados e desencarnados, eliminaram todas as dívidas contraídas nas vidas passadas. Os demais indivíduos necessitam de ajuda para aceitarem seus carmas e reduzirem o saldo de pecados que trazem de encarnações anteriores.

Vários elementos das mais diversas origens marcam o sincretismo religioso do Vale do Amanhecer: “Em sua composição encontramos elementos oriundos do catolicismo, espiritismo, umbanda e da New Age, havendo referências às culturas inca, maia, asteca, egípcia, grega, indiana e judaica.” (OLIVEIRA,2009:37)

No interior de um templo, por exemplo, existe a escultura de Jesus Cristo, a estrela de Davi, imagens de preto-velhos, ciganos, indígenas, princesas, etc.

Não há pregação ou sermão para os visitantes, chamados sempre de pacientes, a dinâmica religiosa acontece em função das consultas espirituais, neste caso, através de médiuns incorporados e dos rituais de cura. Não é incomum ouvir por parte do corpo mediúnico, que o Vale do Amanhecer pode ser considerado o “Pronto Socorro Universal”.

A prática doutrinária chamada Doutrina do Amanhecer, é baseada no mediunismo (partindo do princípio que todas as pessoas são médiuns) e na

doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo. O ritual é totalmente original, com sentido Universal, parecendo-se com muitas religiões e doutrinas existente, mas não seguindo nenhuma delas em particular. Toda instrução flui através da clarividência de Tia Neiva não sendo baseada em livro algum ou doutrina conhecida. Nota distribuída no 50º aniversário de Tia Neiva (GALINKIN, 2008:47)

A história do Vale do Amanhecer sempre é contada a partir da trajetória de sua fundadora Neiva Chaves Zelaya, conhecida por todos como tia Neiva, no entanto, outra pessoa importante no processo de expansão da doutrina, foi seu companheiro Mário Sassi, principal responsável em transformar os ensinamentos do Amanhecer em uma literatura sólida.

## 2.2 - Tia Neiva e Mário Sassi: História do Vale do Amanhecer

Neiva Chaves Zelaya nasceu no ano de 1925 na cidade de Propriá em Sergipe. Casou-se com dezoito anos e aos vinte e cinco ficou viúva, criando sozinha seus quatro filhos. Para sustentar a família, trabalhou como motorista de caminhão em Brasília, aproveitando a demanda de trabalho da construção da nova capital. Dentro de seu caminhão, durante as viagens, começou a ter frequentes visões de um índio enfeitado com penas brancas, que lhe passava mensagens e revelações.



Figura 1: Tia Neiva

Fonte: <http://exiliodojaguar.blogspot.com.br>

Como a clarividente vinha de uma família católica, as misteriosas aparições começaram a perturbá-la, ela acreditava estar louca e por este motivo procurou a ajuda médica de um psiquiatra. Durante a consulta, sentada em frente ao médico, Neiva falou de suas visões e comentou que naquele momento estava tendo uma delas. Atrás do doutor via um homem chamado Juca que dizia ter morrido há sessenta e dois dias. O médico comentou que este homem era seu pai e que realmente havia falecido há dois meses. No fim da consulta o médico disse que nada poderia fazer pela paciente, pois seu caso ultrapassava os limites do conhecimento psiquiátrico.

Aproximadamente um ano após a consulta médica, Neiva buscou ajuda em um centro espírita, onde conheceu Dona Neném, e juntas as médiuns fundaram em 1959 a União Espiritualista Seta Branca.

Incompreendida pelos homens ela teve de se voltar para o que lhe diziam os espíritos. Só neles começou a encontrar a coerência necessária para não perder o juízo. A partir daí ela deixou de obedecer aos “Entendidos”, e tornou-se dócil, às instruções dos seres, invisíveis aos olhos comuns, mas para ela não só visíveis como também audíveis. (SASSI, 1999:11)

Depois de cinco anos trabalhando juntas, Dona Neném e Tia Neiva se separaram, a primeira segue para Goiânia e Tia Neiva instalou-se em Taguatinga onde criou uma nova ordem, chamada União Espiritualista Seta Branca.

Neste mesmo ano conheceu Mário Sassi, um funcionário da Universidade de Brasília, conhecido pelos adeptos como a fonte intelectual da doutrina do Amanhecer.

Mário nasceu em São Paulo e mudou-se para Brasília em 1962, onde levava uma vida comum como funcionário público, casado e pai de cinco filhos. cursou faculdade de Filosofia, Ciências Sociais, Psicologia e Jornalismo, no entanto, não se considerava uma pessoa feliz, passava por uma forte depressão quando encontrou a clarividente. Tia Neiva, orientada pela entidade de Pai Seta Branca, comunicou a Mário que sua missão era trabalhar junta a ela na comunidade que se formava. Mário Sassi divorciou-se da mulher, abandonou o serviço público e mudou-se para Taguatinga para trabalhar em tempo integral no Vale do Amanhecer: “Neiva encontrará um Mário Sassi, o teórico de sua história, aquele que classifica, nomeia e ordena os fenômenos extraordinários, construindo a doutrina e institucionalizando, a seu lado, o movimento.” (RODRIGUES & DREYFUS, 1987)

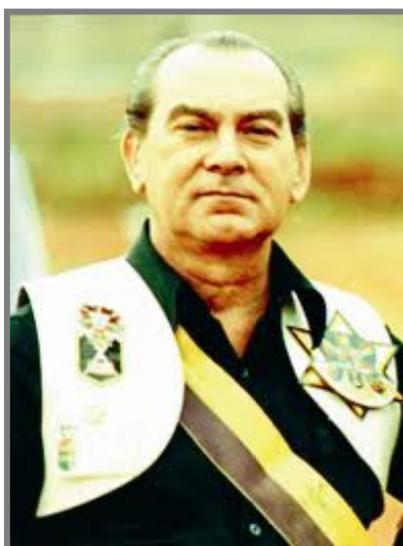


Figura 2: Mário Sassi

Fonte: <http://edsonadjuntovalexo.blogspot.com.br>

Em 1970 a comunidade perdeu o direito de permanência no terreno de Taguatinga, Tia Neiva e todos seus seguidores mudaram-se para Planaltina e fundaram a Ordem Espiritualista Vale do Amanhecer. Nos dez anos que seguiram, o grupo passou por um processo de expansão, a estrutura do templo que antes era de madeira foi substituída por uma construção de alvenaria, foram criados: clube de futebol, escolas profissionalizantes, um local destinado a festas e apresentações teatrais chamado Rancho das Festividades, pousada para hospedar os pacientes que buscavam tratamento espiritual, um segundo orfanato para crianças (desde o início de sua peregrinação espiritual Tia Neiva acolhia crianças abandonadas) além uma casa grande onde residiam a clarividente e Mário.

Tia Neiva faleceu de tuberculose em 1985, antes disso a médium já havia preparado um grupo de adeptos, entre eles alguns de seus filhos, para administrar e liderar o Vale do Amanhecer. Mário Sassi seguiu por mais nove anos e em 1994 também faleceu.

Atualmente o território que abrigou o pequeno número de seguidores, virou referência turística para quem visita a capital do país. A doutrina expandiu-se por todo território brasileiro e chegou a países como Uruguai, Equador, Bolívia, Estados Unidos, Portugal, Alemanha e Japão. Segundo Ana Lúcia Galinkin, em 2008 eram estimados seiscentos templos no Brasil e quinhentos mil adeptos, sendo só no Distrito Federal aproximadamente mil e quinhentos médiuns.



**Figura 3: Tia Neiva e Mário Sassi**  
Fonte: <http://abevano.webs.com/>

### 2.3 - Ordem Espiritualista Cristã Murajo do Amanhecer

O templo que faz a cobertura do sul do estado do Rio Grande do Sul é chamado Ordem Espiritualista Cristã Murajo do Amanhecer e está localizado na BR 392 na cidade de Rio Grande, mas a cerca de vinte minutos do centro de Pelotas. O caminho até o templo é cercado por um campo baixo, algumas poucas propriedades rurais na beira da estrada e grande circulação de automóveis.

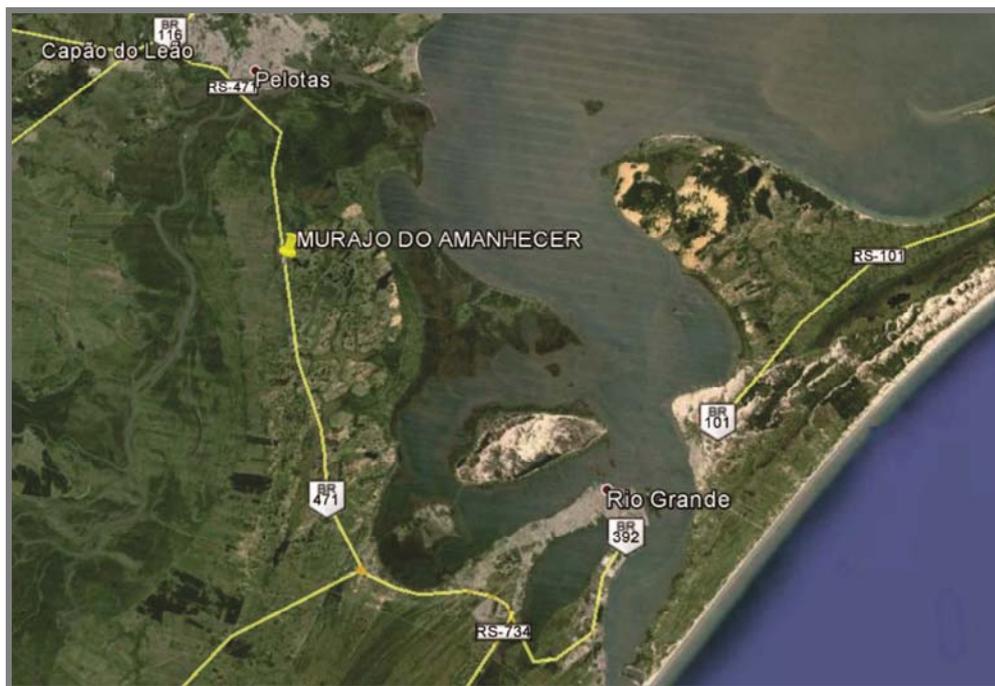


Figura 4: Mapa com a localização do Vale do Amanhecer  
Fonte: Google Earth

O ônibus interurbano que faz a rota Pelotas/Rio Grande para na frente do terreno do Vale, em dias como sábado e domingo, a movimentação de pessoas que utilizam esse transporte é bem grande.

A edificação do templo é toda feita de madeira, por fora na cor natural da tábua e por dentro pintado de muitas cores, entre elas vermelho, verde, azul e amarelo. No interior (espaço que não é permitido fotografar) um grande salão central e pequenas salas ao redor. Nestes espaços acontecem os trabalhos espirituais e o atendimento aos pacientes. Perto das salas de atendimento existem muitos bancos distribuídos, além de imagens, esculturas, objetos, cortinas, etc.



Figura 5: Ordem Espiritualista Cristã Murajo do Amanhecer - 2012  
 Fonte: autora

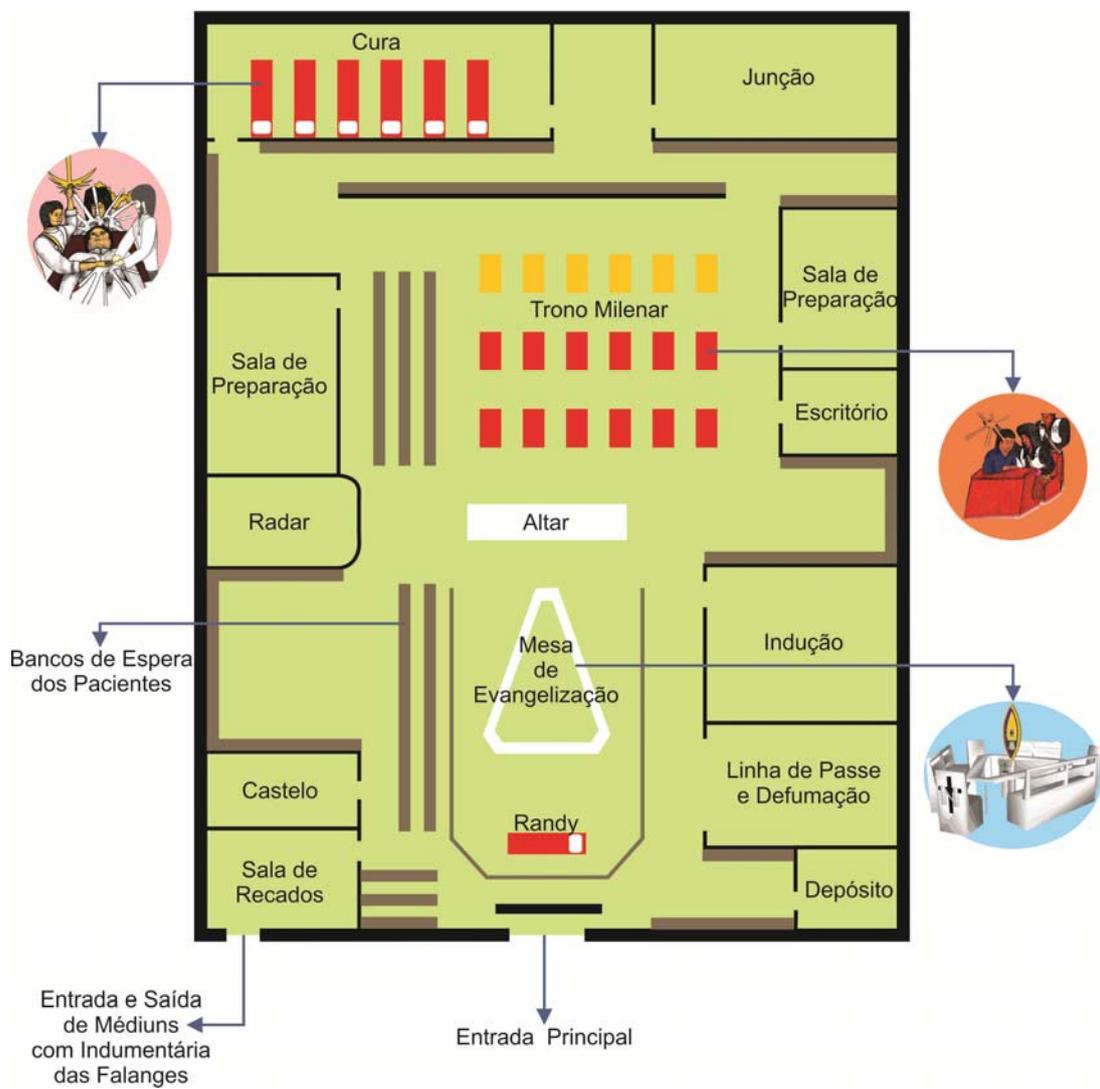


Figura 6: Planta Baixa Ilustrativa  
 Fonte: autora

Mais a direita do terreno, ao fundo, está o antigo refeitório, local onde os adeptos organizavam as confraternizações, bazares, almoços para arrecadar dinheiro, vendiam lanches, livros e onde ficam até hoje os banheiros masculino e feminino. O novo refeitório foi construído mais ao fundo, no lado esquerdo do antigo. Um grande salão feito de alvenaria com algumas mesas distribuídas e um pé-direito altíssimo. Até minha última visita, o espaço estava em processo de acabamento e por isso, sendo pouco usado.

Além dos refeitórios, há uma casa pequena onde as lideranças costumam pernoitar em épocas de maior movimentação e um salão pequeno onde é realizado o trabalho destinado às crianças, chamado de “Pequeno Pajé” ou “Pajézinho”.

A frente do terreno e o lado direito é todo destinado para estacionamento de carros e ônibus de excursões.

A última vez que estive no Vale, o grupo estava organizando almoços e rifas para arrecadar dinheiro e dar início à construção do novo templo principal. Vale ressaltar que as obras são feitas pelos próprios adeptos, em uma velocidade consideravelmente alta, onde todos trabalham num esquema de rodízio e mutirão.

Há aproximadamente vinte anos atrás, um casal pelotense visitou o templo mãe de Brasília e voltou para cidade com a incumbência de trazer a doutrina do Amanhecer pra cá.

O primeiro local escolhido foi o bairro Jardim América na cidade do Capão do Leão. Lá, alguns dos seguidores ocuparam uma locação simples e começaram a reproduzir os rituais e atender pacientes. Logo o espaço se tornou pequeno, o fluxo de pacientes aumentou e cada vez mais pessoas se convertiam a doutrina. Por intermédio de um membro que trabalhava na empresa Embaixador na rota Pelotas/Rio Grande, o grupo soube de um terreno a venda na BR 392 e tão logo juntaram a quantia da compra. Aproximadamente dez anos após sua fundação na região, a Ordem Espiritualista Cristã Murajo do Amanhecer mudou-se para nova sede.

O Murajo do Amanhecer se tornou referência entre os grupos do Vale do Amanhecer, é considerado um templo muito sólido, que está sincronizado em horários e atendimentos com o templo mãe de Brasília, isso na linguagem da doutrina significa que possui Corrente Mestra, e muito procurado por pacientes de outros estados da região sul do país.



Figura 7: Placa localizada na entrada do Templo - 2013  
Fonte: autora

## **3 – OS MÉDIUNS DO AMANHECER**

### **3.1 - Organização Mediúnica**

Todos os adeptos do Vale do Amanhecer são considerados médiuns e filhos de Seta Branca. Os adeptos são classificados em duas categorias de mediunidade: Mestre de Incorporação ou Apará e Mestre de Doutrina ou Doutrinador.

Mestre de Incorporação ou Apará é o médium que trabalha com a incorporação de espíritos. Ele é o aparelho que da voz as entidades e aos espíritos obsessores. O seu dom está relacionado às forças da emoção, do corpo e da lua e o símbolo gráfico de sua categoria de mediunidade é um livro dentro de um triângulo ou uma meia lua.

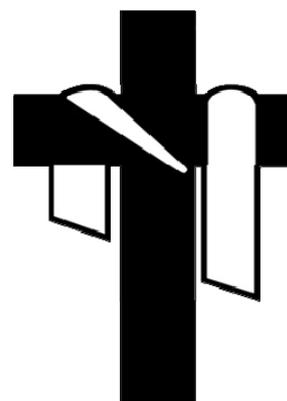
O Mestre de Doutrina ou Doutrinador é o médium responsável por decodificar as mensagens recebidas pelos aparás e auxiliar os pacientes na compreensão destas mensagens. Além de auxiliar na tradução dos conselhos dados pelas entidades, o doutrinador encaminha para o plano espiritual os obsessores. Ele não incorpora, mas em alguns casos, pode ouvir ou sentir a presença de espíritos e sua principal função é esclarecer a mediação entre os encarnados e os desencarnados. O dom do doutrinador está associado às forças da razão, da palavra e do sol e o símbolo que traduz a sua mediunidade é uma cruz coberta por um manto branco ou o sol de sete raios:

Essa atitude científica é que faz com que os médiuns do Vale sejam considerados cientistas espirituais. Isso se tornou possível graças à criação, pela Clarividente Neiva, da figura do Doutrinador. Até então, confundia-se mediunidade com incorporação, fato esse que conceituava de médium somente a pessoa que manifestasse fenômenos visíveis de relacionamento com a outra dimensão. Com a criação do Doutrinador, o médium que trabalha com o sistema nervoso ativo e cujas manifestações mediúnicas se

fazem através de sua expressão sensorial normal, essa interpretação da mediunidade tende a desaparecer. (Elaborado por Mário Sassi, 1979)



**Figura 8: Símbolo apará**  
Fonte: oamanhecerojaguar.blogspot.com.br



**Figura 9: Símbolo doutrinador**  
Fonte: valedoamanhecer.com

A maioria dos rituais é realizado em dupla, mestre de incorporação e mestre de doutrina são forças que se completam. Outra característica dos trabalhos espirituais é que além de serem realizados por um médium doutrinador e outro apará, é necessário que seja sempre um homem e uma mulher. Só é permitida exceção para esta regra quando se trata de um médium do sexo masculino recém-iniciado, neste caso é possível que ele realize o trabalho com outro médium do sexo masculino, que tenha uma modalidade de mediunidade oposta a sua e que já esteja graduado na doutrina há mais tempo.

Sobre a forma de organização dos adeptos do Vale do Amanhecer em duas categorias de mediunidade, Arakcy Rodrigues e Francine Dreyfus falam da influência das características e trajetórias de vida do casal fundador, Tia Neiva e Mário Sassi, na formação da identidade do doutrinador e do apará:

Se o *status* profético de Neiva a torna fora do comum, é entretanto no modelo da partilha das aptidões e das tarefas, encarnado por esse casal exemplar, que vai se organizar o que parece ser a criação doutrinária maior do movimento, princípio de estruturação do espaço ritual e do espaço mental dos adeptos. (RODRIGUES & DREYFUS, 1987)

### 3.2 – Ninfas e Jaguares

Todas as mulheres que fazem parte da doutrina do Vale do Amanhecer são chamadas de Ninfas e todos os homens chamados de Jaguares, independente da categoria de mediunidade que façam parte.

O termo Ninfa, presente na mitologia grega, remete a uma delicadeza e fragilidade esperadas as médiuns do Vale do Amanhecer: “Ao olharmos, para as *ninfas* do VDA, imaginamos, de fato, em um universo mágico, mitológico, tal qual, aquele retratado pela mitologia grega.” (OLIVEIRA, 2013:142)

Os Jaguares doutrinadores possuem uma especificidade no que diz respeito à organização hierárquica da doutrina, somente eles podem comandar os rituais e liderar os templos. Nos trabalhos de terapia espiritual, por exemplo, o primeiro a entoar sua emissão sempre é o Jaguar doutrinador, que por consequência é o comandante do ritual, depois dele é que Ninfa sol (doutrinadora) e Ninfa lua (apará) entoam suas emissões.

Como mencionado anteriormente, dois Jaguares podem trabalhar juntos, no entanto, duas Ninfas não podem. Algumas explicações para este impedimento citadas por Erich Gomes Marques são:

Primeiramente, é necessário que haja uma diferença de forças para que o ritual seja eficaz. Mas quando há uma doutrinadora com uma *apará*, esta diferença não ocorre, ao contrário de quando há doutrinador com *ajanã*, ou doutrinador com *apará* ou doutrinadora com *ajanã*. Além do mais, alguns falantes disseram que esta proibição começou quando perceberam que, ainda na época da Tia Neiva, duas médiuns estavam trabalhando nos tronos e conversando sobre coisas fúteis. Outra justificativa... foi que estes médiuns não tinham tanta força para realizar a elevação de um espírito sofredor, ou podiam ser facilmente enganados por estes espíritos . (MARQUES,2008:3)

O único impedimento sofrido pelos homens, diz respeito ao gênero da entidade incorporada. Ninfas aparás recebem entidades masculinas e femininas, enquanto os Jaguares aparás só podem receber entidades masculinas. Esta possibilidade mais abrangente de incorporação competida as Ninfas, pode ser percebida num primeiro momento como algo positivo, pois lhes conferem maior liberdade, no entanto, segundo Amurabi Oliveira:

No final das contas, as conotações de gênero estão claramente postas, situando o masculino como superior ao feminino, de modo que, as *ninfas* podem “ascender” ao *status* masculino, através da incorporação de um caboclo, ou de um preto velho, no entanto, os *jaguares* não podem se “rebaixar”, incorporando uma entidade feminina. (Amurabi, 2013:144)

Ninfas e Jaguares podem desenvolver suas mediunidades como doutrinadores ou como aparás, e cada templo possuirá suas particularidades quanto a predominância de um gênero em determinada função. Nas pesquisas de Arakci Rodrigues e Francine Dreyfus em Brasília (1987) e de Amurabi Oliveira em São Lourenço da Mata e Recife em Pernambuco (2013), por exemplo, observa-se a predominância de mulheres como aparás e de homens como doutrinadores. No Templo Murajo do Amanhecer parece haver um equilíbrio de gêneros entre as funções, isto talvez se deva ao fato de ser superior o número de integrantes do sexo feminino, sendo que tanto elas quanto os homens acabam se dividindo igualmente entre as duas categorias.

### 3.3 - Entidades e o Plano Espiritual

A doutrina do Vale do Amanhecer ensina que o universo sobrenatural é formado por diferentes planos, diferentes entidades espirituais e espíritos das trevas.

Os espíritos das trevas, também chamados de cobradores, “não conhecem o amor crístico”, são pouco evoluídos e vagam na escuridão atormentando a vida de seus perseguidos. Eles se dividem em cinco falanges: Elítrios, Cobradores, Exús, Sofredores e Obsessores.

Os médiuns do Amanhecer trabalham em conjunto com espíritos evoluídos que orientam e protegem os seres encarnados, e encaminham para o astral superior os espíritos das trevas.

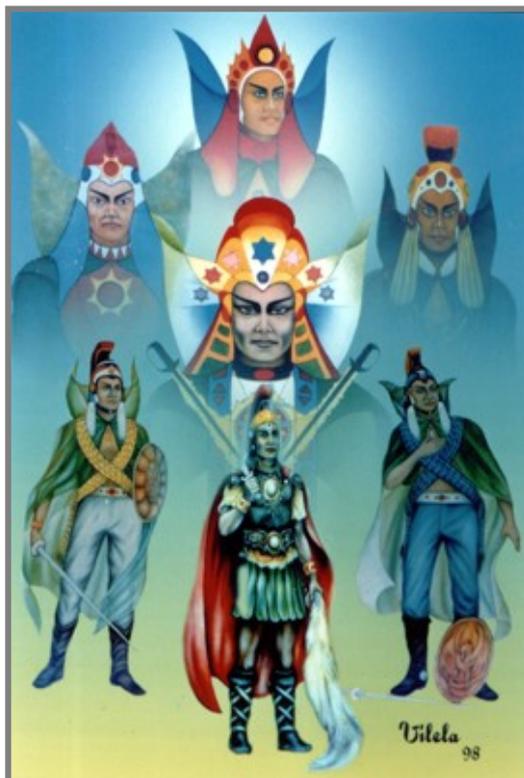
As entidades respeitam uma hierarquia pautada na evolução espiritual, na forma de existência e na função que exercem dentro da doutrina, sendo o espírito de Jesus Cristo a entidade mais poderosa do universo.

*Pai Seta Branca* é o grande mentor, também chamado de Simiromba. *Mãe Iara* é conhecida como a alma gêmea de Seta Branca, segundo a doutrina está posicionada ao lado dele, no entanto, seu nome não é tão evocado em orações e hinos quanto o da entidade masculina.

Os próximos na escala são os *Ministros*, eles têm a função de proteger fronteiras e espaços geográficos. Do Uruguai, passando pelo Rio Grande do Sul até determinada cidade de Santa Catarina a proteção está por conta do Ministro Murajo, e desta entidade vem à inspiração para o nome do templo de Rio Grande.

As *Guias Missionárias* são as protetoras das Ninfas. A médium é informada durante o processo de iniciação, o nome e a cor de sua Guia Missionária. Cada cor possui um significado específico – branco da paz, lilás da cura, etc. – e a médium pode sugerir com qual se identifica mais.

Existem dois tipos de *Cavaleiros*, os que protegem os Jaguares e a legião dos Cavaleiros da Luz, que protegem os templos. São sete os Cavaleiros da Luz e seus nomes são identificados pela cor da lança que carregam: Cavaleiro da Lança Rósea, Cavaleiro da Lança Vermelha, Cavaleiro da Lança Verde, Cavaleiro da Lança Lilás, Cavaleiro da Lança Azul, Cavaleiro da Lança Negra – Chapanã e Cavaleiro da Lança Áurea.



**Figura 10: Cavaleiros**  
 Criação da Imagem: Vilela  
 Fonte: [valedoamanhecerporto.blogspot.com.br](http://valedoamanhecerporto.blogspot.com.br)

Os demais Cavaleiros são os protetores dos homens, assim como as Guias Missionárias são das mulheres, além disso, possuem a função de conduzir para o astral superior os espíritos das trevas que acompanham os pacientes ou que buscam auxílio no Vale do Amanhecer. Segundo o esclarecimento de uma Ninfa, “os sofredores não vão de bom grado”.

Cada aparé possui como mentor pelo menos um *Médico de Cura*, um *Caboclo* e um *Preto-Velho*. Entidades de Pretos-Velhos e Caboclos participam ativamente em grande parte dos rituais do Vale do Amanhecer, conversando e aconselhando os pacientes em trabalhos como o Trono Milenar e o Alabá, ou realizando passes através dos médiuns incorporados, nos trabalhos de indução e linha de passe. Os Médicos de Cura, também chamados Médicos do Espaço, participam do ritual de cura e auxiliam na terapia desobsessiva.



**Figura 11: Hierarquia Espiritual**  
Criação das Imagens: Vilela  
Fonte: autora

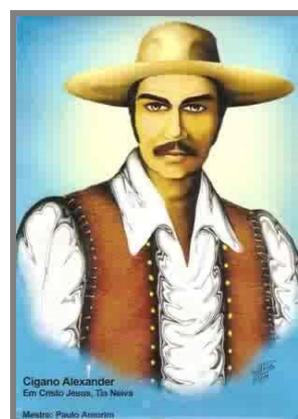
De acordo com o depoimento de uma paciente assídua, quando surgiu a doutrina e os primeiros rituais foram criados, existia um quarto grupo de entidades que participavam, por meio da incorporação, dos trabalhos do Vale do Amanhecer, eram os *Ciganos*. A paciente não soube explicar o motivo desta linha não participar mais dos rituais de atendimento aos pacientes, também não encontrei na bibliografia da doutrina qualquer referência ao desaparecimento dos Ciganos, somente descobri que atualmente o único ritual destinado para estas entidades é chamado Angical. A paciente citada acima concedeu um relato sobre algo incomum que aconteceu com ela no Trono Milenar, em um dia normal de atendimento:

Eu vou ao templo há anos e já passei nos tronos vermelhos e amarelos com pretos-velhos e caboclos. Um dia, que hoje eu digo que é especial, passei nos tronos com um apará e a doutrinadora era minha mãe. Depois de alguns minutos recebendo a mensagem do preto velho, este pediu permissão para dar passagem para outra entidade. No início achei que fosse um caboclo, pois já aconteceu de eu estar nos tronos vermelhos me consultando com preto velho e este dar passagem para um caboclo. Mas não, o preto velho deu passagem para um cigano, algo que nunca aconteceu antes, ao menos comigo e pelo que sei também é bem raro de acontecer com pacientes. O apará incorporou o cigano, mas depois este deu passagem novamente ao preto velho. O cigano deu a mensagem e por sinal era exatamente isso que eu estava precisando a mensagem foi direta e certa, a incorporação do cigano era algo que eu nunca tinha visto na vida e isso me encantou e emocionou muito. Até hoje eu me lembro das palavras dele. (INFORMANTE)<sup>1</sup>



**Figura 12: Cigana Zingara**  
Criação da Imagem: Vilela

Fonte: [temploacaleno.webnode.com.br](http://temploacaleno.webnode.com.br)



**Figura 13: Cigano Alexander**  
Criação da Imagem: Vilela

Fonte: desconhecida

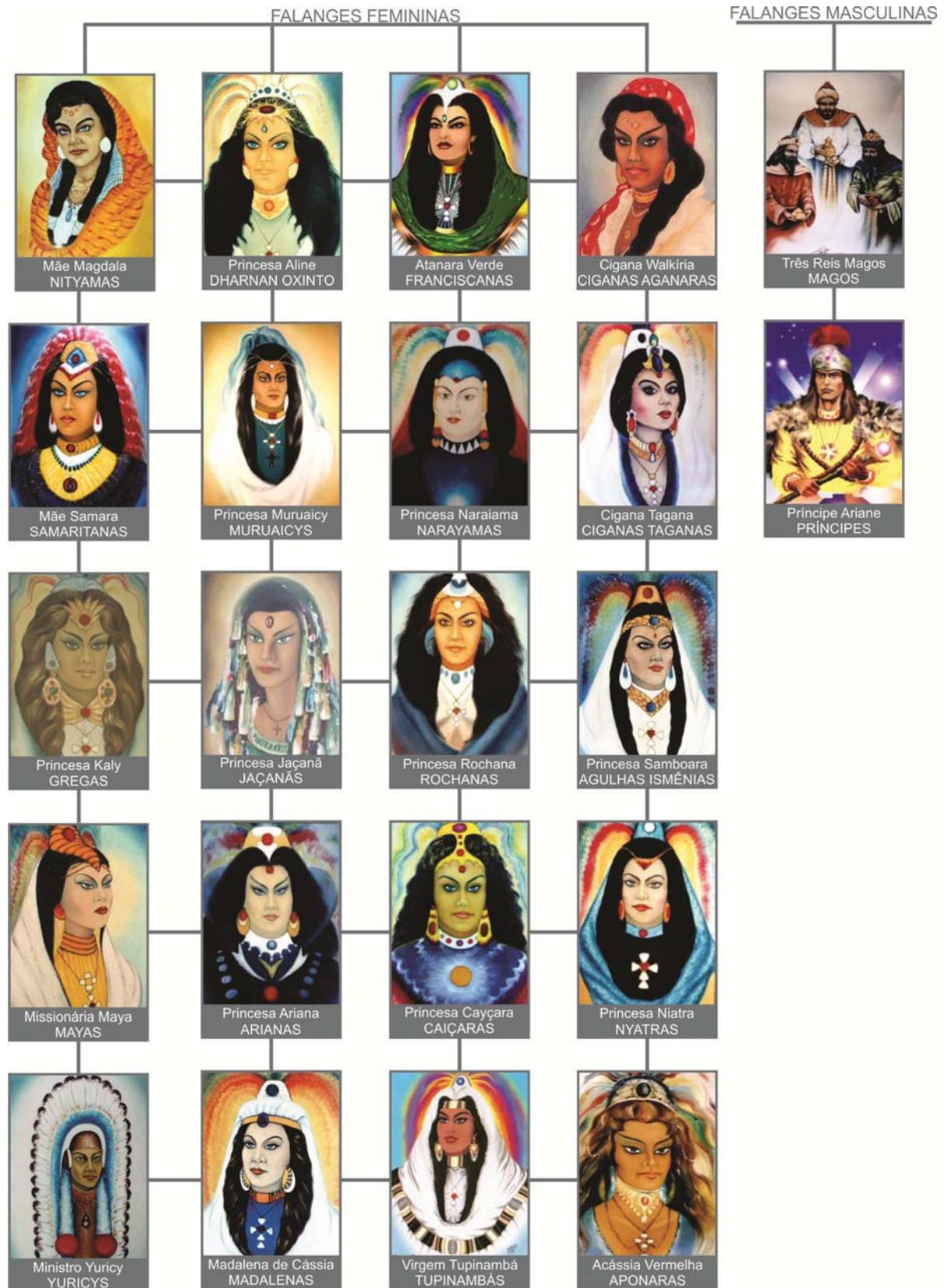
<sup>1</sup> Informação verbal.

Outro grupo de entidades que protege os mestres do Vale do Amanhecer são as chamadas *Princesas*. Sete espíritos femininos que viveram por várias encarnações no mesmo período histórico, vêm a terra pela última vez na época da colonização do Brasil. Seis delas eram escravas e uma sinhá, todas inconformadas com a realidade social em que viviam. Apesar de residirem em fazendas diferentes, às sete mulheres fogem para o mesmo lugar e passam a viver juntas as margens de uma cachoeira. Seus nomes são: Janaína, Iracema, Jurema, Juremá, Iramar, Jandaia e Janara. Cada médium pode escolher qual Princesa mais se identifica, mas a doutrina conta que antes mesmo deles as conhecerem, elas já haviam escolhido seus protegidos.



**Figura 14: As sete Princesas**  
Criação da Imagem: Vilela  
Fonte: desconhecida

Cada médium, seja ele doutrinador ou apará, além de ter esse grupo de mentores e protetores, deve escolher uma *Falange* para representar. As Falanges funcionam como uma força de representação de cada médium dentro do Vale do Amanhecer. Elas possuem uma história, um canto e um representante no plano espiritual, cada membro tem a liberdade de escolher o momento certo de assumir a sua. Atualmente são citadas vinte e duas falanges, sendo vinte femininas e duas masculinas.



**Figura 15: Falanges Missionárias**  
Criação das Imagens: Vilela  
Fonte: autora

Das vinte falanges femininas, apenas três podem ser assumidas por Ninfas jovens, ou seja, menores de dezoito anos. São as Nityamas, Mayas e Gregas. Somente no caso das Nityamas, há uma subdivisão da falange. Se a jovem depois dos dezoito anos se casar, passará a ser considerada Nityama Madrucha, ou se ela preferir poderá escolher outra falange, visto que os médiuns tem livre arbítrio de trocar de falange quando quiserem. As jovens que assumem falange antes da maior idade, só podem participar dos rituais do Pequeno Pajé.

Existem outras entidades que trabalham no Plano Espiritual além das citadas a cima. Em grande parte são espíritos de pessoas consideradas evoluidíssimas, como no caso da Tia Neiva que possui uma imagem repleta de flores no templo Murajo.

Todas as imagens gráficas das Princesas, Cavaleiros, Mentores, Falanges, etc., disponibilizadas pelo Vale do Amanhecer, foram criadas por um designer gráfico que é adepto a doutrina. Vilela tem o dom de visualizar os seres do plano espiritual e transformar as aparições em imagens gráficas das entidades. Com frequência é procurado em Brasília, por adeptos de todo o Brasil que gostariam de ter uma imagem de sua Guia Missionária, no caso das Ninfas, ou do Cavaleiro, no caso dos Jaguares. Segundo uma informante, a fila de espera das imagens é gigantesca.

### 3.4 - Trajetória Mediúnica e Indumentária

Cada membro do Vale do Amanhecer antes de se converter a doutrina deve receber o convite de uma entidade durante o trabalho de Trono. Pode acontecer da entidade não convidar explicitamente o paciente, e sim, passar uma mensagem, como por exemplo: “você é filho de Seta Branca” ou “você precisa desenvolver sua mediunidade”. Quando o paciente recebe a mensagem e deseja ingressar, ele deve passar por uma série de cursos, palestras e aulas práticas que configuram as várias etapas de sua trajetória dentro da doutrina. A cada etapa cumprida, o adepto eleva o nível de sua condição mediúnica, ou seja, ascende hierarquicamente e por consequência recebe a permissão de trabalhar em um maior número de rituais.

A indumentária que o médium veste é algo próprio do Vale do Amanhecer, ela expressa seu nível hierárquico, e no caso da roupagem especial, representa a falange que ele pertence.

O primeiro passo, como já mencionado, é o convite. Depois de convidada a pessoa se dirige ao Castelo das Dharman-Oxinto, no templo Murajo se localiza dentro da edificação principal, e pede autorização as Ninfas desta falange para participar do curso de *Desenvolvimento*.

Durante o Desenvolvimento, o adepto participa de palestras, aulas práticas e realiza o teste de mediunidade, para saber se é apará ou doutrinador. Caso seja apará ele receberá um crachá com o nome dos seus mentores, se for doutrinador, receberá um crachá com o nome das suas entidades protetoras. O depoimento de uma informante relata como se passou o seu teste e de que maneira ela soube sua categoria de mediunidade:

Eu fiquei na palestra e já tinha permissão pra fazer o teste[...] aí disseram assim “vocês vão abaixar a cabeça e fechar os olhos, o que te der vontade tu faz[...] se tu não sentir nada tu é doutrinadora, se tu sentir alguma coisa é apará”. Ta eu comecei, no que comecei eu me senti mal, eu levei um susto, por que já ia baixar em mim, claro ele abriu o trabalho e aquela força veio em cima de mim né, então já ia incorporar. Como eu não sabia incorporar, nunca tinha incorporado na minha vida, aquilo vinha uma força em mim, queria se apossar de mim, eu me assustei, dei um grito e parei. Ai ele pegou e disse assim “que foi?” eu disse “não, eu me assustei porque parecia que tinha uma coisa que queria entrar no meu corpo” ele falou assim “não, mas volta a fazer de novo” ai eu fiz, aí ele parou e perguntou o

que nós sentimos... e eu falei pra ele que tive vontade de fazer assim (estala os dedos) e disseram assim pra mim: “tu não te assusta, o que vier pra ti, tu deixa vir, tu deixa, te entrega, abre teu coração e deixa vir.” Eu sei que eu fiz de novo, tudo aquilo de novo [...] eu fiz, fiz, fiz e a preta velha que veio em mim falou com eles, mas ela não deu mensagem, ela só falou uma palavra, eu não me lembro o que foi. Ai depois que encerrou, ele falou assim pra mim “é, tu é apará, tu incorporou.” Eu disse “mas como que eu incorporei?” Ele disse “não, tu incorporou aqui no teu teste.” Eu incorporei, a preta velha que veio em mim, que eu deduzo que tenha sido essa que eu emplaquei ou alguma outra, não sei, ela falou pra ele [...] falou alguma coisa com a boca, não lembro o que foi, não sei se foi Salve Deus. Alguma palavra ela disse pra demonstrar que eu era apará. Ai ele falou assim pra mim “é, tu és apará, tu vai desenvolver bem ligeirinho, tu incorporou aqui no teste.” Eu incorporei no teste, porque eu senti que a força chegou e a palavra saiu e a preta velha falou através de mim.(INFORMANTE)<sup>2</sup>

Depois do Desenvolvimento vem o curso de *Iniciação Dharman-Oxinto*. Enquanto participa destes dois primeiros cursos, o adepto deve usar uma roupa que demonstre sua recente conversão. As mulheres usam um vestido longo branco, largo e com as mangas compridas. Os homens usam uma túnica branca, com mangas compridas, e calça preta. Ambos usam uma faixa amarela e lilás atravessada no peito. No entanto, somente durante o curso de Iniciação Dharman-Oxinto ocorre o emplacamento, que consiste em agregar ao uniforme um colete de napa branco que será usado durante toda a trajetória no Vale do Amanhecer. Nas costas deste colete está o símbolo da mediunidade, o triângulo com o livro dentro para aparás e a cruz coberta por um manto para os doutrinadores, e na frente o crachá.

---

<sup>2</sup> Informação verbal.



**Figura 16: Traje dos Iniciados - 2012**  
Fonte: autora

No curso de *Elevação de Espadas* o médium tem a permissão de trocar a roupa branca pelo o uniforme oficial da doutrina. As Ninfas passam a usar uma blusa preta de renda e saia marrom longa. Os Jaguares usam camisa preta e calça marrom. O colete ganha insígnias que o adepto adquiriu durante os cursos.



**Figura 17: Uniforme oficial**  
Fonte: desconhecida



**Figura 18: Uniforme oficial feminino**  
Fonte: desconhecida

Depois vêm a *Centúria* e o *Sétimo Raio* e a partir destes dois últimos cursos os adeptos adquirem a possibilidade de comandar determinados rituais. Segundo Carmen Luisa Chaves Cavalcante:

A classificação hierárquica dos médiuns, via curso, não é a única no Vale do Amanhecer. Alguns fiéis foram escolhidos por Tia Neiva para ocuparem cargos vitalícios na doutrina. Mesmo igualados a outras pessoas pela quantidade de cursos concluídos, essas pessoas destacam-se das demais por exercerem determinadas funções, em alguns casos somente transferíveis aos seus filhos, os chamados herdeiros. (CAVALCANTE, 2000:38)

Existem também, os trajes especiais que representam à falange missionária de cada médium. Cada falange possui uma indumentária própria e no caso das femininas são trajes repletos de brilho, geralmente acompanhados de coroas, tiaras, véus e etc., enquanto os masculinos se diferenciam pelo uso de capas longas.



Figura 19: Indumentária da Falange das Nityamas - 2012  
Fonte: autora



Figura 20: Indumentária da Falange das Gregas - 2012  
Fonte: autora

## **4 – ENTRE MANTRAS, HINOS, PRECES, EMISSÕES E CANTOS: O PODER SIMBÓLICO DA EXPRESSÃO SONORA NA DOCTRINA DO AMANHECER**

### **4.1 - Etnografia: Dinâmica e Sonoridade nos Rituais de Terapia Espiritual**

Logo que passo pela porteira de entrada do terreno onde está edificado o templo do Amanhecer, observo uma grande movimentação de mestres, circulando pelo pátio e entre os vestiários. Antes mesmo de entrar no local, ouço um hino sendo cantado por um coro de vozes formado pelos adeptos que já estão prontos e se preparando para o início dos trabalhos. Assim que os médiuns se uniformizam, entram no templo e começam a se organizar em duas fileiras de frente ao altar. A cantoria começa a criar força em volume de som e em número de vozes. Os hinos cantados neste momento não seguem uma orientação ou ordem específica, com o término de um, outro já é puxado.

No dia que acompanhei e gravei em áudio este primeiro momento onde os hinos são cantados aleatoriamente, o mestre adjunto, fala ao microfone entre um canto e outro:

Pediria ao mestre sol e ao mestre lua e todos que aqui estão, o silêncio, e somente a imantração mestres, que é o trabalho espiritual, que é a manipulação de força, a partir deste instante. Então vamos imantrar, todos vamos imantrar, todos mestres vamos imantrar e vamos nos sintonizar mestres, para que neste instante nós possamos receber as forças da corrente mestra, a força dos grandes iniciados que regem o trabalho de hoje. (MESTRE ADJUNTO)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Informação Verbal

Depois deste discurso, um novo hino é puxado, no caso deste dia foi o hino “Encantos do Amanhecer” (*Quis a vontade de Deus/ E seus encantos se fez/ Amando e sorrindo/ Doutrina emanando/ Jesus! Outra vez/ Quis a vontade de Deus/ E seus encantos se fez/ Uma cruz no horizonte/ Uma Estrela, um Radar/ Aqui, ali, vão chegando/ Doutrinador e Apará/ Jesus aqui outra vez/ Ninfas esvoaçando seus mantos/ Emanando com amor se vê/ Mestre Jaguar transformando/ Na Doutrina Iluminando/ Pra Jesus outra vez/ Jesus aqui outra vez/ Há uma voz que nos rege/ Seta Branca nosso Pai/ Mestre Sol. Mestre Lua vêm trazer/ Anoday e Anodai/ Jesus aqui outra vez/ Quis a vontade de Deus/ E seus encantos se fez*).

Por volta das 15h, horário sincronizado com o do templo mãe de Brasília, o mestre adjunto oficializa a abertura dos trabalhos, profere a prece do “Pai Nosso” e em seguida o hino “Mayanti” é cantado (*Mayanti, Mayanti/ Do Astral Superior/ Tu que és refúgio/ De enfermeiro do Senhor/ Sopro Divino do Senhor/ Prana, oh prana, tu em favor/ Sei que atendes onde hasteias/ A bandeira rósea do amor/ Aqui neste Templo hasteamos/ A bandeira rósea do Astral/ Velhos marcianos Ingressados/ No Pronto Socorro Universal/ Mayanti, querida Mayanti/ Que o Senhor nos concedeu/ Guardas querida Mayanti/ Tudo que for em favor meu*).

O hino Mayanti faz parte de uma série de hinos que são cantados por integrarem uma ordem específica da dinâmica do ritual, este não é uma escolha aleatória e sim o hino que oficialmente é cantado em todos os templos do amanhecer no momento da abertura dos trabalhos.

Nos hinos que antecedem o Mayanti, os médiuns cantam de maneira serena, sem elevação de tons, no entanto, no hino de abertura começam aparecer às primeiras elevações e sobreposições de vozes, além de sinais físicos expressivos por parte dos médiuns. Alguns elevam suas mãos, fecham os olhos, articulam bem as palavras cantadas, outros se balançam lentamente com as mãos para trás. Cada médium demonstra através do desempenho individual, a sua sintonia com a “energia espiritual”.

Com o término deste hino, um dos mestres comandantes, solicita que seja cantado o hino oficial do Vale do Amanhecer, “Hino do Amanhecer” (*Sob o céu azul do Amanhecer/ Seta Branca de Amor apareceu/ Com as ordens do Oriente nos faz*

*ver/ A grandeza que Jesus nos concedeu/ Prana-luz aqui resplandeceu/ Do Oriente Maior que é de Tapir/ Conduzindo as almas tristes para Deus/ Neste Templo de esperança e de povir/ Salve Deus, Criador/ Do Universo És o Senhor!/ A bandeira rósea de Jesus/ Nosso símbolo de fé sempre há de ser/ Tremulando neste Vale ela traduz/ As mensagens que do Astral queremos ter/ Salve Deus, Criador!).* Imediatamente depois deste, os médiuns proferem a prece de abertura, “Prece a Simiromba”, caracterizada por uma fala rítmica. Neste momento todos erguem os braços na altura dos ombros e direcionam a palma para imagem de Jesus Cristo (*Oh! Simiromba do grande Oriente de Oxalá, no mundo encantado dos Himalaias, faze a minha preparação! Ilumina o meu espírito, para que eu possa partir sem receios, no avanço final, de uma nova era! Faze em mim, a verdadeira força do Jaguar! Oh! Simiromba dos mundos encantados, em breve estarei sobre o leito, e Jesus o Sol da vida, transmitirá por mim, os mantras poderosos para a libertação dos Vales Negros da incompreensão! Oh! Senhor partirei contigo, nada temerei!*). Após está prece, os mestres comandantes fazem suas emissões e é dado o início dos trabalhos, sendo a mesa de evangelização o primeiro ritual do dia.

Na *Mesa de Evangelização* os mestres aparás sentam em torno de uma grande mesa triangular e incorporam espíritos sofredores que circulam pelo território do Vale; neste momento os doutrinadores ficam em pé atrás dos aparás, orientando e auxiliando estes espíritos a encontrar o caminho da luz. Os pacientes apenas observam o ritual e com o término deste, os médiuns se organizam em duplas de trabalho e passam para um outro ambiente onde será realizado o trabalho de Trono.

O trabalho de *Trono* funciona da seguinte maneira: dois espaços separados por um muro baixo, os tronos vermelhos para médiuns que incorporam espíritos de pretos-velhos e os tronos amarelos para entidades de caboclos. O apará senta atrás de uma mesa curta, com espaço para paciente sentar ao lado, atrás dos dois fica o doutrinador, ajudando no entendimento das mensagens e encaminhando os espíritos obsessores encostados nos pacientes. Neste momento, vários visitantes são atendidos ao mesmo tempo, cada um conversando com uma entidade especial. As entidades têm o poder de sentir a vibração do paciente e com base nisso, recomendar em quais trabalhos ele deve passar.

- Cura: Neste trabalho, poucos pacientes entram em uma sala específica e se deitam em macas. O médium doutrinador coloca sobre o corpo do paciente um manto branco e o orienta a permanecer com as mãos espalmadas para cima, o mestre comandante toca um sino e o aparâ incorpora a entidade de um médico de cura. O objetivo deste trabalho é o médium manipular a energia da entidade, para precaver ou curar qualquer doença do paciente. O ritual é silencioso, somente o paciente ouve um leve ruído emitido pelo aparâ, isto por que o médium incorporado fica sentado na altura da cabeça do paciente, enquanto o doutrinador está em pé na altura do abdômen.

Cura é a denominação do ritual onde os Médicos do espaço fazem operações espirituais e que se destina a casos graves de doença com sintomas físicos cujo agente causal é o elítrio [...] Elítrios são espíritos que na sua última encarnação foram submetidos a torturas físicas e mentais e morreram em estado de ódio. Isto fez com que ficassem densos, isto é, se tornassem o oposto de fluído, significando que estão mais próximos da matéria. Têm a forma da cabeça de um macaco, dizem os seguidores da Doutrina. (GALINKIN, 2008:112 e 73)

- Defumação: Em uma pequena sala, sete pacientes entram por vez, sentam em bancos altos (três pacientes no banco da frente e quatro no de traz) e recebem a orientação padrão de quase todos os trabalhos. Três mestres em pé, de frente aos pacientes, proferem suas emissões enquanto um quarto adepto circula pela sala balançando um defumador. Direcionado ao sentimento de inveja, este trabalho tem o objetivo de purificar e libertar os pacientes.

- Randy: Somente os pacientes diagnosticados com problemas graves são encaminhados para o Randy. Em algumas visitas observei que foram abertas três sessões do ritual, em cada sessão são atendidos de sete a nove pacientes, mas isto só acontece em dias de grande movimentação. Um dos pacientes se deita em uma maca (a escolha é aleatória), os outros sentam ao redor e de frente para o deitado. Os médiuns mais antigos, ou seja, o alto escalão da doutrina, cercam estes pacientes formando uma corrente de duas ou mais voltas ao redor da maca. Eles cantam hinos, proferem os cantos de suas falanges, dão passes e bênçãos. Todo ritual chega a durar quase uma hora.

- Linha de Passe: Dentro da mesma sala onde é realizada a defumação, aproximadamente dez aparás incorporados por entidades de caboclos, ficam sentados em bancos altos, mantendo uma pequena distância um do outro e respeitado uma posição simétrica. Os pacientes entram em grupos dentro da sala, o mestre comandante orienta que é preciso passar por três médiuns e receber o passe dos três antes de sair do local. De pé em frente ao médium, o paciente fala seu nome completo e idade, logo em seguida o apará profere uma emissão que faz referência a cultura e a entidades indígenas (Salve a força das matas, graças a Deus/ Salve a força das Cachoeiras, graças a Deus/ Salve Pai Seta Branca e Mãe lara, graças a Deus...). Os Incorporados batem no peito, com o objetivo de puxar para si as energias negativas dos pacientes. Neste ritual os aparás falam muito alto e o som da fala deles se confunde com o barulho das batidas no peito, que costumam ser bem fortes.

- Indução e Junção: Os rituais de junção e indução possuem uma dinâmica muito parecida, principalmente no que diz respeito à performance e sonoridade, por este motivo a explicação será conjunta.

Ambos os rituais tem a finalidade de energizar positivamente os pacientes, a junção libertando-os de espíritos obsessores e a indução retirando as forças da inveja de cima deles. Cada trabalho possui uma sala e um número exato de pacientes por vez. As dinâmicas são muito parecidas: enquanto os pacientes esperam no lado de fora das salas, os médiuns que participarão do ritual entram na sala, sentam em cadeiras que ficam nas extremidades e os comandantes ficam de pé atrás de uma cortina transparente no que parece ser um pequeno altar. Existe uma lógica de organização entre os adeptos e esta deve ser respeitada rigorosamente. Em determinado momento os mestres começam a cantar um hino qualquer, no que parece ser uma preparação, os pacientes são convidados a entrar na sala e sentar de maneira organizada, respeitando o sentido de entrada (sempre sentido horário). Os médiuns mantêm uma postura serena, sentados um ao lado do outro eles cantam até a interrupção do mestre comandante. Este dará as orientações do funcionamento do trabalho e fará sua emissão pessoal. Depois do mestre jaguar é a vez das ninfas sol e lua, que também comandam os rituais, tanto de indução, quanto de junção.

Transcrevo a seguir, um exemplo de emissão de uma ninfa lua, ou seja, uma médium de incorporação:

Oh Jesus! Oh Simiromba meu pai, aqui quem vos fala sou eu, ninfa lua da falange de Consagração do povo de [...], na ordem do ministro Muiatã, escrava do adjunto Murajo, ataí 108, 7º raio adjuração, arcanjo rama dois mil, mestre [...]. Oh Jesus, acabo de receber de Deus Pai todo poderoso, a sintonia [...] do mestre Olorum, na linha deste amanhecer, desejando alcançar os poderes do reino central, coloco Jesus, a ternura de todos os tempos, emite Jesus, deixe que as forças se desloquem até meu plexo. Eu..., sou uma guia missionária vinda do mundo verde em missão especial! Venho na força decrescente da Guia Missionária Adariana Vermelha Tubo Sabarana, na esperança de minha estrela céus, do meu segundo verbo, na ordem do primeiro sétimo, levando os poderes do mestre que me fez Ajoramas, para fortalecer o meu sol interior, nos três reinos de minha natureza, partirei sempre com barra zero barra, zero barra, barra barra, em Cristo Jesus, Salve Deus!<sup>4</sup>

A emissão sempre é proferida de maneira rítmica, nela os adeptos comunicam através da fala, da expressão corporal e do tom usado em cada palavra de impacto, quem são eles dentro da doutrina do Amanhecer. Cada médium possui uma emissão pessoal, no entanto, todos utilizam do mesmo ritmo no momento da fala, como se uma mesma melodia servisse de base para diversas letras musicais diferentes, que possuem palavras centrais distintas, mas estruturas poéticas parecidas.

Após as emissões serem feitas, os mestres cantam o hino “Noite de Paz” (*Noite de paz/ Noite de Luz/ Glória no Céu/ Nasceu Jesus/ Uma estrela no espeço brilhos/ E ao mundo a luz anunciou/ A vinda do salvador/ A vinda do Salvador/ Noite de Paz/ Noite de Luz/ Este canto que a Deus conduz/ Como se fosse uma oração/ Nosso amor e nossa devoção/ Ao Cristo Nosso Senhor/ Ao Cristo Nosso Senhor*).

Enquanto cantam, um por um dos mestres passam por de traz de todos pacientes, gesticulando como um passe ou uma bênção. Com as mãos entrelaçadas, eles batem suavemente três vezes na testa e nas costas dos pacientes sentados. Depois deste momento de bênção, os adeptos voltam a sentar, o mestre comandante faz o encerramento dos trabalhos e um novo hino é cantando,

---

<sup>4</sup> Informação Verbal

simultaneamente a fala do comandante. No caso do ritual de Indução é cantado o “Hino do Doutrinador” (*Do Amanhecer se expande/ A nova Doutrina do Amor/ Sob a luz do Santo Evangelho/ Resplandece varonil Doutrinador/ Mãos curadoras/ Mãos divinas/ Salve Deus, Salve Deus/ Que te ilumina/ Lá no alto um clarim como um alerta/ Com Jesus na Terra jurou/ Tua voz tem a força doutrinária/ A divina Luz, Doutrinador/ Mãos curadoras/ Mãos divinas/ Salve Deus, Salve Deus/ Que te ilumina/ Esta cruz que levas em tuas costas/ Farol que ilumina na dor/ És luar nas noites escuras/ Alivia e Esclarece o sofredor/ Mãos curadoras/ Mãos divinas/ Salve Deus, Salve Deus/ Que te ilumina*) no ritual de Junção é “Hino da Junção” (*Jesus de luz e amor/ Dá força a esta Junção/ Abre o caminho destes filhos/ do progresso e do perdão/ Meu pai Simiromba meu Pai/ Que forças benditas nos deu/ Luzes de todo Universo/ Jesus amor Salve Deus/ Jesus querido aqui estamos/ Confiantes a vibrar/ Desta Junção um novo Sol/ Jesus amor a brilhar/ Abre Jesus os caminhos/ Destes que estão a esperar/ Que correntes negativas/ De inveja e maldade afastar/ Protege Jesus dando forças/ A estes que estão a vibrar/ Amando e perdando/ Sempre temos Jesus o que dar*). Com o encerramento dos trabalhos, os pacientes saem ordenadamente das salas e só após a saída de todos, os mestres se retiram.

Depois que os pacientes passam por todos os trabalhos indicados durante o trono, estão liberados para voltar pra casa. Existem outros rituais, alguns proibido a presença de visitantes, outros em ocasiões especiais, como é caso do Alabá que só ocorre em lua cheia e do ritual da Benção do Ministro que acontece sempre no primeiro domingo do mês, no entanto, estes indicados a cima são os usados essencialmente para o tratamento de pacientes.

Dirigi maior atenção aos rituais de Junção e Indução, pois estes são exemplos de como a música conduz, ordena, comunica e intensifica a dinâmica do ritual. No tópico a seguir, analisarei a música como um conjunto de categorias de entendimento: o hino, o mantra, a prece, a emissão e o canto, que ao mesmo tempo em que possuem significados próprios, são complementares e indissociáveis.

## **4.2 - Mantras, Hinos, Preces, Emissões e Cantos: Categorias de Entendimento da Expressão Sonora**

Quando analisei o conjunto de trabalhos espirituais realizados no Vale do Amanhecer como um grande ritual de mobilização e comunicação do discurso religioso da doutrina, observei que a música possui um papel fundamental no que diz respeito à condução e o efeito simbólico do ritual. Para melhor organizar as reflexões sobre significado e a função da música, irei dividi-la em categorias de entendimento, partindo do discurso e da literatura do Amanhecer.

- Mantras: O princípio do poder mediúnico do Vale do Amanhecer está na capacidade de controlar e manipular energias positivas para a utilização em benefício dos necessitados, neste caso, os pacientes. Os médiuns considerados mais fortes são aqueles capazes de utilizar uma maior quantidade e variedade de energias e transmiti-las aos visitantes. A mente é responsável em capturar estas energias, no entanto, estas só são externalizadas através dos gestos e dos sons.

Para a doutrina o som emitido de maneira cadenciada, funciona como linha de força vibratória que atinge de maneira direta os que estão ouvindo, ou seja, a audiência. No Vale do Amanhecer, esses sons são chamados Mantras. Estes só funcionam na maneira desejada se emitidos de forma cadenciada, é o ritmo que converte as letras dos mantras em vetores energéticos.

O ato de se sintonizar nos mantras durante os rituais é chamado pelos adeptos de “Imantrar”. Por isso durante o discurso de um mestre, transcrito acima, é pedido o silêncio e somente a imantração, ou seja, cada médium deve se calar para qualquer assunto (ficar em silêncio) e se concentrar somente na sintonia com a energia espiritual.

- Hinos: Os hinos funcionam como um conjunto de mantras que possuem uma mensagem e uma função específica. Existem diversos tipos de hinos: Hino de Abertura, Hino Oficial, Hino dos Mestres, Hino aos Adjuntos, Hino dos Pretos-Velhos, etc. Cada um possui uma melodia, uma letra e um momento específico para ser cantado, por este motivo que é necessário transformar um conjunto de mantras em um hino, pois facilita no momento de converter a imantração em uma energia certa. Por exemplo, o hino dos Pretos-Velhos não pode ser cantado antes que se

iniciem os trabalhos, pois este possui uma mensagem e uma melodia que se imantrado antes do momento certo, pode acarretar na incorporação indesejada destas entidades.

Todos os hinos (melodia e letra) do Vale do Amanhecer foram recebidos, através de mensagens do plano espiritual, por tia Neiva.

- Prece: São adaptações de algumas preces tradicionais na religião católica, tais como o “Pai Nosso” e “Ave-Maria” e outras próprias da doutrina do Amanhecer. As últimas utilizam uma linguagem específica, fazem referência a entidades, lugares, palavras que só possuem um significado dentro do Vale do Amanhecer, tais como “Simiromba”, “Mayanti” e “Mundos Encantados”. Apesar de não seguirem uma melodia rítmica, assim como os hinos e as emissões, quando proferidos em coro respeitam certa entonação marcada pelas pausas.

- Emissão: A emissão é apresentação da procedência do médium, é quando o mesmo abre um canal de comunicação entre a terra e o plano espiritual. Quando um médium faz sua emissão, ao mesmo tempo em que ele apresenta para a audiência as características de sua individualidade como médium do Amanhecer, ele se coloca a disposição da espiritualidade para que esta o auxilie e o oriente nos trabalhos de terapia espiritual. Por este motivo que as emissões são cheias de códigos, estes funcionam como mensagens faladas em um curto espaço de tempo, que tem seus significados entendidos pelas entidades que trabalham no plano espiritual.

A emissão representa a individualidade de cada médium, mas para que este consiga manipular um maior poder energético é necessário que a emissão não seja somente falada e sim imantrada. As palavras devem seguir uma melodia, como um hino, no entanto, cada mestre possui uma letra de canção própria.

- Canto: O canto funciona como uma emissão que é compartilhada por todos os médiuns que integram determinada Falange. Como mencionado anteriormente, cada Falange possui sua história, seu canto, e sua força de representação.

O Canto é o complemento da emissão. Com a emissão o mestre faz sua apresentação individualizada. Com seu canto, ele se harmoniza com as forças de sua Legião, de seu grupo. Quando um mestre abre sua emissão,

ele é um espírito que se identifica; e ao fazer seu canto, ele agrega à sua individualidade a força da Falange Missionária do espaço. (DOCTRINA DO AMANHECER)

Para muitos dos adeptos que integram o corpo mediúnico do Vale do Amanhecer, não existe um entendimento específico para o significado de cada uma destas categorias. Assim como muitos não possuem um conhecimento profundo da doutrina, o fato de participarem como médiuns no Vale do Amanhecer está relacionado mais como o “dever” do que o estudo e a identificação com literatura da religião. Estas categorias são normalmente utilizadas pelos mestres que trabalham como comandantes nos rituais ou pelos que costumam ministrar palestras e cursos.

Apesar das várias denominações que são usadas para explicar o verdadeiro significado de tanta cantoria nos rituais, toda esta mobilização sonora pode ser vista como o universo musical do Vale do Amanhecer. Segundo Seeger:

Uma definição geral da música deve incluir tanto sons quanto seres humanos. Música é um sistema de comunicação que envolve sons estruturados produzidos por membros de uma comunidade que se comunicam com outros membros.(SEEGER, 1992:3)

No templo do Amanhecer, os médiuns não costumam falar a palavra música, pois para eles é importante salientar que na doutrina o ato de produzir e reproduzir sons (letra+melodia) possui uma explicação espiritual específica, e portanto, um significado que é próprio deste grupo:

Diferentes comunidades terão diferentes ideias de como distinguir entre diversas formas de sons humanamente organizados – fala de canção, música de ruído e assim por diante. Como muitos de nós sabemos por nossas próprias experiências pessoais, a música de uma pessoa pode ser o ruído de outra.(SEEGER, 1992:3)

A música, assim como a expressão corporal, possui um papel que ultrapassa o entendimento coletivo, não é apenas uma etapa ou uma das características do ritual de cura mágica, ela é um comunicador que permite que os adeptos (neste sentido, os músicos) e os pacientes (audiência) sintam de maneira inconsciente que o ritual ocorreu da maneira certa e que seu objetivo foi alcançado.

### 4.3 - Analisando o Universo Sonoro do Vale do Amanhecer a Partir do Conceito de Cosmo-Sônica de Marília Stein

Antes de pensar a produção sonora do Vale do Amanhecer a partir do conceito de Marília Stein sobre a cosmo-sônica Mbyá-Guarani, é preciso enfatizar um ponto importante a respeito da presente pesquisa. O grupo no qual pesquiso, é uma doutrina espiritualista, e como tal, seus adeptos colocam a disposição uma parcela dos seus tempos para cumprirem com suas obrigações religiosas. Fora do Vale do Amanhecer, cada um possui uma vida privada, ou seja, uma profissão, um círculo familiar que não necessariamente faz parte da doutrina, formas variadas de lazer, etc.

Já Marília Stein está analisando um grupo étnico, pessoas que compartilham uma realidade social e cultural. Por este motivo é importante ressaltar que este tópico se inspira na análise de Stein e faz uma “livre” adaptação do conceito de cosmo-sônica, pois aqui o objetivo é refletir sobre o universo sonoro de uma comunidade religioso e não, como no caso da autora, de um grupo étnico.

Os Mbyá-Guarani, assim como a maioria dos grupos indígenas, relacionam todas às instâncias da vida social com a natureza e as forças sobrenaturais. Para os Mbyá não existe limite entre homem, natureza e divindade, tudo está interligado:

A natureza exerce uma agência, expressiva, pois é entendida como parte do cosmos, que não é de forma alguma passiva [...] Humanos e divindades também constituem este coletivo de naturezas. E todos – humanos, divinos e outros seres do mundo – nos encontramos em comunicação viabilizada pelos sons e movimentos rituais.(STEIN, 2009:129)

É neste ponto que as perspectivas sobre a cosmo-sônica Mbyá e simbologia dos rituais do Vale do Amanhecer se cruzam, são os sons e os movimentos que viabilizam a comunicação entre humanos e entidades divinas. Em *Kyringüé Mborai – Os Cantos das Crianças e a Cosmo-sônica Mbyá-Guarani*, Marília Stein desenvolve a noção de cosmo-sônica “a partir da imbricação entre música, sociocosmologia e modo de ser Mbyá” (STEIN,2009:114), no entanto, nesta pesquisa o objetivo é compreender como a sonoridade agencia a dinâmica dos rituais de cura mágica do Vale do Amanhecer e para isso, buscarei refletir sobre o tema a partir da relação

entre música e o poder simbólico a ela empregado:

Discuto a noção de 'perspectivismo sonoro', ou seja, a concepção da sonoridade Mbyá como constituída por e constituinte de uma paisagem simultaneamente ambiental e simbólica, em que diferentes poderes interagem para além da esfera Humana(STEIN,2009:114)

No próximo tópico levantarei algumas considerações sobre sonoridade no Vale do Amanhecer e em outros grupos religiosos que integram o movimento nova era.

#### 4.4 - Expressão Musical no Vale Do Amanhecer: Mensagem e Simbologia

Partindo das considerações levantadas nos tópicos anteriores, observo que a dinâmica ritualística do Vale do Amanhecer é essencialmente sonora. O som age diretamente nos médiuns elevando o estado de consciência e os colocando em um nível de sintonia com as entidades divinas:

Nas práticas Nova Era de cura, de transformação da consciência e de enlevamento espiritual, a música tem se apresentado como recurso ritual privilegiado [...] Seguindo a sugestão de Jakobson de que 'o som faz eco ao sentido' (AMARAL,2000:97).

O som (letra+melodia) funciona como um estimulador do processo de incorporação, ou seja, ativa e agencia o transe. Em um ritual onde é necessário que os aparás estejam incorporados, o médium que comanda o trabalho evoca as entidades divinas através de preces e emissões, e quase automaticamente todos os médiuns começam a receber os seus mentores (pretos-velhos, caboclos, médicos de cura).

Beatriz Labate e Gustavo Pacheco, em *Música Brasileira de Ayahuasca*, ressaltam que a música possui um papel que não se limita a verbalização da mensagem religiosa, ela também proporciona aos médiuns uma experiência espiritual:

Devemos alargar nossa perspectiva para entender a música não apenas como veículo discursivo, ou seja, como mero suporte não-verbal ou 'moldura' para a transmissão de enunciados verbais, mas também como uma atividade ritual com especificidade própria e que em muitos momentos transcende o conteúdo verbal. Ao lado de seu aspecto de mensagem verbal, isto é, de enunciado do verbo divino, hinos e chamadas possuem também o importante papel de induzir, por meio dos sons, certos estados emocionais multissensoriais que permitem a transcendência da dimensão verbal da experiência espiritual. (LEBATE;PACHECO,2009:98)

Outro aspecto importante é justamente o que os autores citados anteriormente chamaram de mensagem verbal.

Desde a abertura do templo Murajo para o atendimento de pacientes até o fim

do último trabalho de cura mágica, não há um momento sequer destinado à pregação da doutrina. Os médiuns já recebem os pacientes cantando os hinos de preparação, que antecedem a abertura dos trabalhos, e através destes hinos que os visitantes conseguem conhecer e reconhecer a visão de mundo da doutrina.

Por exemplo, a primeira estrofe do “Hino do Amanhecer” (*Sob o céu azul do Amanhecer/ Seta Branca de Amor apareceu/ Com as ordens do Oriente nos faz ver/ A grandeza que Jesus nos concedeu*) repassa uma mensagem de identificação de uma divindade mensageira de Jesus que é chamada dentro do Vale do Amanhecer de Seta Branca. Existem distribuídas pelo templo Murajo imagens de Seta Branca e na letra de alguns hinos e nas emissões proferidas pelos médiuns aparecem várias vezes a exaltação a esta entidade. É desta forma que a audiência reconhece e se familiariza com um ser divino que nunca os foi apresentado sobe a forma de pregação ou palestra.

Por último, gostaria de levantar algumas considerações sobre a inspiração divina por traz das letras e melodias dos hinos e preces do Vale do Amanhecer. A literatura da doutrina diz que os hinos e preces foram recebidos por Tia Neiva através de mensagens divinas.

Diz-se que os hinos são recebidos, isto é, mensagens/revelações que emanam de entidades espirituais do Astral e são captadas (ou filtradas) pelo indivíduo. O recebimento de hinos é encarado como um fenômeno estritamente mediúnico [...] Trata-se, em essência, da habilidade de canalizar a energia espiritual sob forma de música. (LEBATE;PACHECO,2009:37)

A fidelidade à forma original de reprodução dos cantos do Amanhecer é essencialmente importante para que o ritual aconteça de maneira certa. Cada canto revelado a Tia Neiva evoca uma determinada força sobrenatural, e para que os trabalhos de cura mágica recebam a mediação da força espiritual certa, é preciso que o canto seja reproduzido obedecendo com fidelidade à orientação divina.

#### 4.5 - O Canto das Gregas e a Eficácia Simbólica de Lévi-Strauss

Para fins de exemplificação, gostaria nesse tópico de analisar um canto emitido nos rituais do Vale do Amanhecer pelas integrantes da falange das Gregas, falange esta exclusivamente feminina e composta no templo Murajo por duas médiuns, uma de incorporação (ninfa lua) e outra doutrinadora (ninfa sol). Antes de analisar o canto, transcrevo a mitologia da falange das Gregas, no Vale do Amanhecer:

Gregas eram as jovens daquele Mundo Grego, as cidades estados, que foram se agrupando na sintonia do Deus Apolo, no Oráculo de Delfos, onde nossa Mãe Clarividente nessa época era Pítia a Pitonisa de Apolo. Os Espartanos eram nessa época os maiores guerreiros do mundo, com grandes especializações, e inovaram as artes de lutas e guerras, e eram respeitadíssimos... Porém, depois que passaram a acreditar em Pítia, ou seja, nos poderes daquele Oráculo, esses Guerreiros só partiam após serem ionizados pela Pitonisa, e como venciam as batalhas, cada vez mais crescia a fama e a crença nos poderes do Deus Apolo. Pítia pedia àquelas jovens para recolherem as armas dos feridos ou dos mortos para serem consagradas no Oráculo, pois acreditava que o Soldado que estivesse sem a arma e essa arma não fosse consagrada, seu espírito não se evoluía, ficava perdido e em pleno sofrimento. Foram grandes missões executadas pelas jovens Gregas no socorro daqueles Guerreiros feridos, bem como no recolher suas armas. Estas jovens, durante consagrações, ficavam nos portões de honra e guarda, enquanto outras faziam aquelas filas, levando para o Oráculo aquelas armas dos Guerreiros.(Vale do Amanhecer)

Nos rituais em que se trabalha com a “força das Gregas”, as médiuns que representam a falange devem proferir suas emissões, como mencionado anteriormente apresentando sua individualidade mediúnica, e logo após entoar o canto:

Ó, Deus Apolo, unificado em Cristo Jesus  
 Aqui me tens, firme ao Cavaleiro Vermelho  
 Que ainda repousa sob as nuvens luminosas de Atenas  
 Porém já unificado em Deus Pai todo Poderoso  
 Trago a força da Guia Missionária Abariana Verde, a Grande Kali  
 Que viu os poderes de Policena sobre as ondas grandes dos mares

Tudo, tudo nos pertence na guarda deste trabalho  
 Simiromba de Deus, o nosso Pai  
 Vem trazer a boa sorte aos nossos irmãos  
 Parto Com - O - em Cristo Jesus. Salve Deus!  
 (CANTO DAS GREGAS)

Uma consideração a ser feita sobre as mensagens simbólicas deste canto, é que ele faz citações a deuses, espaços, personagens conhecidos na história e na mitologia grega. Logo ele induz a audiência a reconhecer a força expressiva que ele representa, neste caso a cultura grega, por meio da linguagem que utiliza.

Outra questão importante é o papel doutrinário do canto. O culto aos diversos deuses gregos, com personalidades extremamente humanas, foi condenado pelo cristianismo que prega a existência de um único Deus Pai todo Poderoso e seu filho Jesus Cristo. No canto das Gregas é expresso através da letra, que deus Apolo está unificado em Deus Pai e Jesus Cristo, logo ele se torna uma entidade divina e como tal, é legítima a devoção a sua imagem na doutrina do Amanhecer.

Os médiuns possuem a liberdade de escolher uma falange para representar, é uma questão de identificação ou revelação, visto que alguns membros da doutrina possuem experiências sobrenaturais com a falange que os apadrinhou. A partir do momento que o médium assume uma falange, ele passa a trabalhar na força de representação desta, no caso das gregas, de guerreiras e guardiãs (faz parte da indumentária desta falange, uma lança sempre carregada durante os rituais).

Por fim, gostaria de citar Lévi-Strauss e seu artigo *A Eficácia Simbólica*. O autor analisa como um canto entoado por um xamã age simbolicamente sobre as dificuldades de um parto. Na letra do canto, o xamã faz referência a seres monstruosos que estão se apoderando do útero da mulher, e narra detalhadamente como ele e sua legião de guardiões penetram neste mundo obscuro e derrotam um por um desses seres que estão causando as dores e os problemas no parto:

O canto consiste inteiramente numa busca: busca do *purba* perdido, e que será restituído após inúmeras peripécias, tais como demolição de obstáculos, vitória sobre animais ferozes e, finalmente, um grande torneio realizado pelo xamã e seus espíritos protetores contra *Muu* e suas filhas, com ajuda de chapéus mágicos, cujo peso estas últimas são incapazes de

suportar... o xamã, assistido por seus espíritos protetores, empreende uma viagem ao mundo sobrenatural para arrancar o duplo do espírito maligno que o capturou e, restituindo-o ao seu proprietário, assegura a cura.(STRAUSS,1967:216;217)

O canto é o principal agenciador deste processo de cura mágica, pois ele promove o encontro entre o curandeiro (ou a cura) e a doença, e comunica a paciente todas as etapas do processo de recuperação de sua saúde física: “diríamos, de bom grado, que o canto constitui uma manipulação psicológica do órgão doente, e que a cura é esperada desta manipulação.” (STRAUSS,1967:221)

O Vale do Amanhecer segue, mesmo que não diretamente, está lógica narrada por Levi-Strauss, sendo a música representada na forma de manipulação de energia (imantração), de elevação de um estado de consciência (ativando a incorporação), comunicando os preceitos doutrinários ou evocando entidades divinas para auxiliar nos trabalhos de cura mágica, todos seguidores que compartilham deste universo religioso reconhecem a coerência e a eficácia deste sistema simbólico no tratamento de terapia espiritual:

Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita. Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. A doente os aceita, ou, mais exatamente, ela não os põe jamais em dúvida.” (STRAUSS,1967:228)

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O Vale do Amanhecer apresentou-se para mim como um campo de estudo muito rico. Vários recordes poderiam ser explorados com mais rigor nesta pesquisa, no entanto, meu objetivo desde a primeira ida (oficial) a campo era investigar a dinâmica dos rituais de terapia espiritual. Durante o desenvolvimento do trabalho surgiram várias questões relacionadas ao universo simbólico dos rituais de cura mágica, mas entre elas a expressão sonora foi a que me chamou mais atenção.

Para analisar a musicalidade e todas as questões relacionadas a ela, precisei traçar um caminho teórico de investigação, que iniciou com o estudo da crença no Vale do Amanhecer e da doutrina dentro movimento Nova Era. Entre os pesquisadores que contribuíram para a elaboração desta análise, gostaria de citar os principais referenciais teóricos usados neste processo de construção do saber antropológico.

Françoise Champiom diz que entre os grupos que compõe o movimento Nova Era - que o autor chama *nebulosa místico-esotérica* – a força de mobilização e representação está na crença. O autor classifica a crença em quatro categorias principais:

Primeiro, aquilo que se apresenta como resposta – possível de enunciar – à busca mais ou menos explícita de sentido: sentido do mundo, do homem, de sua vida, de seus fracassos... Também importa aquilo que é capaz de dar poder, efetivo ou simbólico – ‘crenças-meios’ – e aquilo que confere potência, técnica ou mágica – ‘crenças-potências’. Por fim, também fazem sentido as ‘instituições’, que para um sujeito – indivíduo ou grupo – detêm toda ou parte da verdade: verdade do mundo, da sociedade, do homem, verdade quanto à(s) fonte(s) do sentido.(CHAMPION, 2001:31)

Segundo Leila Amaral, uma das características dos grupos Nova Era ou New Ager é a pluralidade de práticas e crenças:

A possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer destes elementos, metáforas que expressem performaticamente uma determinada visão em destaque em um determinado momento, e segundo determinado momento (AMARAL,1999:47).

Amurabi Pereira de Oliveira fala que a diversidade cultural presente no Brasil transforma o New Age em algo muito particular, às praticas religiosas e ritualísticas das mais diversas etnias (indígenas, afro, etc) aliadas às religiões tradicionais (catolicismos, judaísmo, islamismo, etc.) tornam esse movimento uma expressão religiosa forte e que mobiliza um grande grupo de seguidores. O autor chama este movimento no Brasil de New Age Popular:

De fato, a NA no Brasil, adquire uma face própria que culmina com o que chamaremos de *New Age Popular* – NAP – presente em movimentos como o Vale do Amanhecer, as religiões ayahuasqueiras de modo geral, a Umbanda Mística, a Legião da Boa Vontade, entre outros – emergindo de forma plural e eminentemente sincrética, em constante diálogo com as religiões já estabilizadas no campo religioso. Por NAP, entendemos a recomposição de discursos e práticas religiosas *new agers* reinterpretados e adaptados em conformidade com a tradição popular brasileira. (OLIVEIRA, 2009:36)

Paralelo a este momento religioso onde emergem novas possibilidades de crenças, práticas e experiências, observa-se o surgimento das mais diversas terapias e tratamentos espirituais. Esta é uma das características inovadoras deste novo contexto religioso, a harmonização e reconciliação da ordem física com a ordem espiritual, ou seja, o equilíbrio entre corpo, alma e universo:

O grande número de atividades ou serviços são oferecidos com o objetivo de ajudar os clientes na sua mudança, baseando-se na concepção de uma integração, corpo e espírito e na busca de melhor conhecimento de si mesmo e de seus relacionamentos [...] O ato de curar colocar-se-ia, assim, do lado do restabelecimento da harmonia, como uma escolha moral de

renovação da amizade, estabelecimento da paz, conciliação de opostos, nos diferentes domínios da vida individual, coletiva e planetária, isto é, a grande reconciliação. (AMARAL,1996:59)

A autora Paula Monteiro, ao investigar A Cura Mágica na Umbanda, fala que a eficácia – para algumas pessoas - dos tratamentos espirituais oferecidos por centros religiosos está no reconhecimento da experiência individual dos pacientes como causadoras dos problemas (doenças, perturbações, aflições, transtornos, etc.). Monteiro diz ainda, que grupos religiosos que utilizam de terapias mágicas, precisam demarcar um espaço de atuação que seja ao mesmo tempo paralelo e oposto à medicina científica. Paralelo, pois os médiuns terapeutas não podem desconsiderar os tratamentos médicos, a terapia espiritual e a terapia médica devem acontecer simultaneamente. E oposto, pois o campo de atuação da terapia mágica é externo as disfunções orgânicas, está na ordem espiritual, um espaço que a medicina universitária não alcança e não se importa em alcançar:

Enquanto o médico procura dissociar, abstrair a experiência vivida do paciente – posto que as doenças são para ele universais, isto é, independem da biografia individual -, estabelecer uma hierarquia de sensações mais significativas e mais compatíveis com a construção de um diagnóstico, o médium favorece a explicação dessa experiência, posto que é ela que permite atribuir sentido à justaposição aleatória de sintomas e sensações clinicamente heteróclitos descritos pelo paciente.”(MONTEIRO,1986:43)

Com base neste referencial desenvolvi o interesse de investigar as terapias espirituais do Vale do Amanhecer a partir de uma perspectiva sonora. O primeiro passo foi entender as diferentes faces da musicalidade na doutrina e organizar teoricamente as várias concepções de som, produzidos e reproduzidos pelo grupo. As cinco categorias que trago neste trabalho – Mantras, Hinos, Preces, Emissões e Cantos - são resultado desta primeira reflexão.

Depois surgiram às questões simbólicas referentes à música. Nesta etapa busquei refletir sobre o som como meio de alteração de um estado de consciência, ou seja, no caso dos médiuns do amanhecer, um ativador da incorporação. Além disso, a música abre um canal de comunicação entre adeptos e entidades divinas, e

por consequência, a cura divina. Através dela os pacientes (audiência) se identificam com os preceitos da doutrina e os tomam como seus. Não é incomum, os pacientes cantarem os hinos junto com os médiuns, ou determinado visitante se identificar e elogiar a emissão de alguma ninfa. O som faz curar, energizar, sintonizar com forças espirituais, ele não só é permitido, como é necessário. Como resumidamente fala Marila Marques:

Os Hinos mânticos são utilizados para ajudar espiritualmente aos pacientes; que vão à busca de se esclarecer, ouvir e conhecer a doutrina, e aos espíritos desencarnados que ali estão. A música harmoniza o ambiente e permite que os médiuns (trabalhadores) continuem em sintonia com espíritos superiores. (MARQUES,2009:4)

Por último, gostaria de ressaltar que a presente pesquisa busca levantar reflexões sobre o papel simbólico da música nos rituais de terapia espiritual do Vale do Amanhecer, mas as hipóteses aqui levantadas não são encaradas como assunto encerrado, pelo contrário, este estudo é uma etapa entre outras muitas que serão necessárias para compreender o fenômeno musical dentro da doutrina. O campo e o referencial teórico foram os responsáveis em traçar a linha de raciocínio desta pesquisa, eles auxiliaram não somente na investigação da subjetividade por trás da expressão sonora, como também no reconhecimento de que é necessário ir além, buscando a cada nova reflexão o amadurecimento intelectual e pessoal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, Leila. **As aplicações Éticas dos sentidos Nova Era de Comunidade**. Coleção Religião & Sociedade 17/1-2. ISER, Rio de Janeiro: 1994.

\_\_\_\_\_. **Sincretismo em Movimento – O Estilo Nova Era de lidar com o sagrado**. In: CAROZZI, María Julia (Org.), *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar; CAMBRIA, Vincenzo. **Música em Debate**. Anthony Seeger Capítulo: **Etnomusicologia/ Antropologia da Música – Disciplinas distintas?** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. **Música em Debate**. Bruno Nettl Capítulo: **Antropologia da Música/ Antropologia Musical**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

BATISTA, Marilda M. . **Rituais religiosos e mise en scène filmica: o exemplo do Vale do Amanhecer (D.F., Brasil)**. Revista Chilena de Antropologia visual, Namur, Chile: 2003.

CHAMPION, Françoise. **Constituição e Transformação da Aliança Ciência e Religião na Nebulosa Místico-Esotérica**. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, vol.21, n.2,2001:pp 25-43

CAVALCANTE, Carmem Luisa Chaves. **Xamanismos no Vale do Amanhecer o Caso Tia Neiva**. São Paulo: Annablume Editora,2000.

GALINKIN, Ana Lúcia. **A Cura no Vale do Amanhecer**. Brasília: TechnoPolitik, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas - Uma Descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Zahar,1978

\_\_\_\_\_. O saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa - **Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico**. Editora Vozes, Petrópolis: 1997.

LEBATE, Beatriz Caiuby; PACHECO, Gustavo. **Música Brasileira de Ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Eficácia Simbólica. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1967. Cap. X, p. 215 – 236.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Introdução: Tema, Método e Objetivo dessa Pesquisa. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978)

MARQUES, Erich Gomes. **Ritual e Gênero no Vale do Amanhecer**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Vivência e Poder. 2008, p.1-7

MARQUES, Marila. **Vale do amanhecer: uma visão etnocenológica**. V Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2009.

MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of Music**, Evanston, Northwestern University Press, 1964.

MONTERO, Paula. **A Cura Mágica na Umbanda**. Comunicações Iser, Rio de Janeiro, v. 5, n. 20, p. 39 - 47, 1986.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. **Nova Era à Brasileira: A New Age Popular do Vale do Amanhecer**. Interações – Cultura e Comunidade: vol 4, nº5, 2009, p.31-50.

\_\_\_\_\_. **A Nífa e o Jaguar: Corpos e Dominação no Vale do Amanhecer**. Vivência Revista de Antropologia. Vol. 41, 2013, p. 137-151.

RODRIGUES, Arakcy M. & DREYFUS, Francine M.. **Reencarnações: notas de pesquisa sobre uma seita espírita de Brasília**. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1987.

SASSI, Mário. **No limiar do IIIº milênio Brasília**, Vale do Amanhecer, 1970

\_\_\_\_\_. **Sob os olhos da clarividente**. Brasília, 1999.

SEEGER, Anthony. **Etnografia da Música**. In: MYERS, Helen. *Ethnomusicology. An introduction*. Londres, The MacMillan Press, 1992.

SENA, Daniel L. N. & CHAGAS, Manoel R. F. **Relação de Gênero no Vale do Amanhecer de Belém**. Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST. São Leopoldo. Vol. 1, 2012, p. 1397-1411.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. **Kyringüé Mboráí – Os Cantos das Crianças e a Corno-sônica Mbyá-Guarani**. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Música UFRGS, Porto Alegre:2009.

STEIL, Carlos Alberto. **Evans-Pritchard: Da Religião dos Outros à Experiência Pessoal**. TEIXEIRA, Faustino (org) Sociologia da Religião. Enfoques Teóricos. Vozes, Petrópolis: 2003.